Revista E | agosto de 2026
nº 2 | ano 33

Sesc 80 ANOS

ISSN 2179907-5 00355
9 772179 907008

Alimentação
Sabores e desafios da introdução alimentar

Literatura
Entrevista com o escritor Ignácio de Loyola Brandão

Música
Gravadoras independentes eternizadas na história

Cinemateca
Cenas da memória audiovisual brasileira

MIRADA

FESTIVAL IBERO-AMERICANO DE ARTES CÊNICAS

DE 3 A 13 DE SETEMBRO, A 8ª EDIÇÃO DO FESTIVAL IBERO-AMERICANO DE ARTES CÊNICAS TEM O EQUADOR COMO PAÍS HOMENAGEADO. A PROGRAMAÇÃO REÚNE ESPETÁCULOS E ATIVIDADES FORMATIVAS EM SANTOS E EM OUTRAS CIDADES DA BAIXADA SANTISTA.

PROGRAMAÇÃO
A partir de 12/8, em **sescsp.org.br/mirada** e no aplicativo Mirada Sesc SP.

INGRESSOS
Venda Online e Presencial
A partir de 14/8, pelo aplicativo Credencial Sesc SP, portal Sesc e nas bilheterias das unidades.

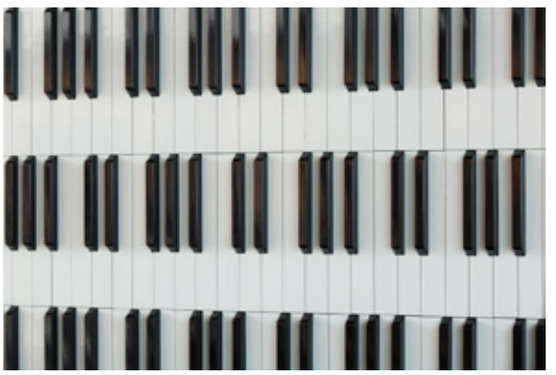
sescsp.org.br/mirada

Parceria

Prefeitura de Santos

Realização

Sesc 80 anos



CAPA: Detalhe de *Construtivismo musical* (2010), de Nelson Leirner (1932-2020). Integrante do Acervo Sesc de Arte, a obra compõe a exposição *Mire Veja: MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro*, apresentada no Sesc Bom Retiro até 27/9, e que reúne os acervos do MAM e do Sesc São Paulo. Mais informações em: **sescsp.org.br/bomretiro**

Imagem: **Everton Ballardin**

Leia também a revista em versão digital na sua plataforma favorita:

Portal do Sesc
(QR Code ao lado)

APP Sesc São Paulo
para tablets e celulares

Legendas de acessibilidade

- abafadores
- acessível*
- audiodescrição
- braille
- cão-guia*
- dublagem
- formato alternativo
- legenda closed caption
- legenda open caption
- legendas
- Libras
- recursos táteis

***Em estabelecimentos de uso coletivo, é assegurado o acompanhamento de cão-guia. As unidades do Sesc estão preparadas para receber todos os públicos**

Protagonismo para a mudança

O comércio de bens, serviços e turismo constitui um dos principais motores do desenvolvimento brasileiro. Responsável por parcela expressiva da atividade econômica, o setor gera empregos, impulsiona a inovação, fortalece o empreendedorismo e contribui diariamente para o dinamismo das cidades e para a qualidade de vida da população. Sua relevância, contudo, ultrapassa os indicadores econômicos. Está presente na capacidade de promover oportunidades, estimular o crescimento sustentável e participar ativamente da construção de uma sociedade mais próspera e equilibrada.

Foi essa visão que orientou, em 1946, a iniciativa do empresariado de criar o Sesc – Serviço Social do Comércio, reafirmando o compromisso do setor com o bem-estar dos trabalhadores, de seus familiares e de toda a comunidade. Em 2026, ao celebrar 80 anos de história, o Sesc confirma a relevância dessa ação, consolidada por uma atuação permanente nas áreas da cultura, educação, saúde, lazer, turismo social e esportes. Trata-se de um legado construído coletivamente, que demonstra como o desenvolvimento econômico alcança seu pleno sentido quando caminha ao lado do desenvolvimento humano. É esse compromisso que continua orientando a atuação do setor e reafirmando sua contribuição para um Brasil mais justo, participativo e com mais oportunidades para todos.

Ivo Dall'Acqua
Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

A experiência das primeiras refeições

Os hábitos alimentares começam a ser desenhados muito antes de se tornarem escolhas conscientes. A introdução alimentar representa um dos primeiros contatos da criança com a diversidade de sabores, aromas, texturas e modos de preparar os alimentos, constituindo uma experiência que ultrapassa a dimensão nutricional. É nesse período que se iniciam aprendizagens capazes de influenciar a relação com a comida ao longo da vida, favorecendo uma alimentação equilibrada, curiosa e aberta à descoberta. Nesse sentido, é possível reconhecer que cada refeição compartilha uma forma de compreender o mundo, transmitindo valores, costumes e modos de viver que se tornam um legado entre gerações.

Alimentar-se também é, portanto, participar de uma herança cultural. Receitas, ingredientes, horários, celebrações e gestos cotidianos revelam histórias familiares e reforçam o pertencimento. Afinal, aromas, preparos e cores dos alimentos apresentados em criativas e infinitas combinações também se registram na memória e constituem identidades coletivas que influenciam nossas escolhas na vida adulta. Em torno da mesa, crianças observam, experimentam, imitam e constroem referências que estão além do paladar. Reportagem desta edição da **Revista E** reflete sobre o papel da introdução alimentar na formação de hábitos e na construção de uma vida adulta saudável, pautada na diversidade alimentar. Boa leitura!

Luiz Deoclecio Massaro Galina
Diretor Regional do Sesc São Paulo

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo Av. Álvaro Ramos, 991 – Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC EM SÃO PAULO
Presidente: Ivo Dall'Acqua
Diretor do Departamento Regional: Luiz Deoclecio Massaro Galina
Efetivos: Aldo Nuñez Macri, Boris Ber, Dan Guinsburg, Ivo Pinfildi Junior, Jair Francisco Mafra, José de Sousa Lima, José Roberto Pena, Manuel Henrique Farias Ramos, Marcus Alves de Mello, Michelle Reis Moreira, Milton Zamora, Paulo Cesar Garcia Lopes, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva, Valterli Martinez.
Suplentes: Aguinaldo Rodrigues da Silva, Antonio Cozzi Junior, Antonio Di Girolamo, Antônio Fojo da Costa, Antonio Geraldo Giannini, Carlos Alberto de Melo, Célio Simões Cerri, Cláudio Barnabé Cajado, Edison Severo Maltoni, Martim Clementino de Medeiros, Natália Ferreira Weber, Omar Abdul Assaf, Sérgio Esper, Sérgio Vanderlei da Silva, Telmo Côrtes de Carvalho e Silva, Vitor Fernandes, William Pedro Luz.

REPRESENTANTES JUNTO AO CONSELHO NACIONAL
Efetivos: Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Ivo Dall'Acqua, Rubens Torres Medrano.
Suplentes: Luiz Roberto Rando, Marcelo Braga, Virgilio Cansino Gil

CONSELHO EDITORIAL | Revista E
Adriano Ladeira Vannucchi, Alan Dias Fernandes, Aline Canto de Rezende, Amanda Cristina de Souza, Ana Carolina Guindo Rodrigues, André Venancio da Silva, Andressa Santiago Romao, Anna Raissa Costa Silva, Antonio Carlos F Barbosa, Beatriz Gonçalves Costa Santos, Camila Oliveira Silva, Camila Santos Medeiros, Camila Vitale Nascimento, Carlos Seiti Imamura, Carolina Balza, Cecilia Ferreira de Nichile, Cinthya de Rezende Martins, Claudete Moreira dos Santos Greiner, Claudia Vieira Garcia, Cristiane Toshie Komesu, Cristina Berti Ribeiro, Daniela Garcia de Goes Monteiro, Danilo Cymrot, David Katayama Arnaud Sampaio, Diana Gama Santos, Diego Polezel Zebele, Diego Vinicius Teixeira Ferreira, Diogo de Moraes Silva, Elmo Sellitti Rangel, Eloá de Paula Cipriano, Fabiana Della Coletta Monteiro, Fabricio Leonardo Ribeiro, Felipe Andrade Batista, Felipe Sabino da Silva, Felipe Veiga do Nascimento, Felix Henrique Naveda, Fernanda Porta Nova Ferreira da Silva, Flavia Teixeira S Coelho, Flavio Aquistapace Martins, Francisca Meyre Martins Vitorino, Gabriela Camargo das Graças, Gislene Lopes Oliveira, Giulia Maria de Campos Manocchi, Ilgner Poliszuk Moraes, Isabela Egea Lisboa Lacerda, Isadora Vasconcelos de Oliveira Silva, Jacy Helena Almeida Silva, Janete Bergonci, João Victor Santana dos Santos Faria, Jose Mauricio Rodrigues Lima, Juliane Barbosa Braga, Juranir Maria de Oliveira, Laise Ferreira Guedes, Leticia Martins Sapucaia, Ludimila Miguel Valadares, Madalice Alves Jorge, Marcelo Baradel, Marcia de Sousa Barros, Marcos Afonso Schiavon Falsier, Maria Claudia Novaes Curtolo, Maria Eduarda Camargo Pedro, Mariane Cristina dos Santos, Marina Reis, Michele Cristiane Celestino, Monique Mendonça dos Santos, Mya Cristina Joaquim Rodrigues, Paco Sampaio, Patricia Helena de Sousa, Paulo Henrique Vilela Arid, Poliana de Moura Queiroz, Raquel Vyctoria M S Brito, Renan Cantuario Pereira, Renan Cesar de Abreu, Renata Barros da Silva, Ricardo Jose de Carvalho Tifona, Ricardo Lemos Antunes Ribeiro, Ricardo Tacioli Serafini, Ronaldo Domingues de Araujo, Rosangela Barbalacco, Roseane Silveira de Souza, Sabrina dos Santos Rodrigues, Sabrina Santana da Silva, Sara Maria da Silva, Tais Cardoso Barato, Tatiana Amaral Sanches Ferreira, Thais Ferreira Rodrigues, Thamires Magalhaes Motta, Valeria Boa Sorte Amorim, Vanusa Soares Souza, Vivianne de Castro.

Coordenação-Geral: Ricardo Gentil
Coordenação-Executiva: Ligia Moreli e Silvio Basilio
Editora-Executiva: Adriana Reis Paulics • **Edição de Arte e Diagramação:** Lucas Blat • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics, Diego Olivares, Marcel Verrumo e Rachel Sciré • **Revisão de Textos:** Pedro P. Silva • **Edição de Fotografia:** Nilton Fukuda • **Repórteres:** Alexandre Raith, Diego Olivares, Lígia Scalise, Lucas Nobile, Marina Pereira, Marina Vaz, Matheus Lopes Quirino e Vanusa Soares Souza • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics, Marina Pereira, Marcel Verrumo e Rachel Sciré • **Propaganda:** Edmar Júnior, Jefferson Santanielo, Julia Parpulov e Vitor Penteado • **Apoio Administrativo:** Juliana Neves dos Santos e Talita Ferreira dos Santos • **Arte de Anúncios:** Alexandre Amaral, Alexandre Calderero, Gabriela Batista Borsoi, Geysa Bernardes, Humberto Mota, Leandro Vicente, Michel Jesus Pinheiro e Wendell de Lima Vieira • **Supervisão Gráfica:** Rogerio Ianelli • **Criação Digital Revista E:** Cleber Paes e Rodrigo Losano • **Circulação e Distribuição:** Vanessa Zago

Jornalista responsável: Adriana Reis Paulics (MTB 37.488).
A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo**,
sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social**

Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios. Esta publicação está disponível para retirada gratuita nas unidades do Sesc São Paulo e também em versão digital, em **sescsp.org.br/revistae** e no aplicativo **Sesc SP** para tablets e celulares (Android e IOS).
Fale conosco: **revistae@sescsp.org.br**

SUMÁRIO

dossiê p.11

Em mais de 30 unidades do Sesc São Paulo, **Agosto Indígena** promove imersão nos saberes e fazeres dos povos originários

entrevista p.16

Escritor **Ignácio de Loyola Brandão** relembra histórias e apresenta trecho de novo romance, ainda inédito

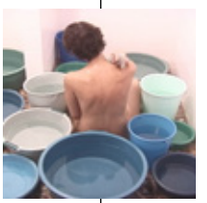
alimentação p.24

A importância e os desafios da **introdução alimentar** complementar a partir dos seis meses de vida

bio p.34

A trajetória de **Milton Santos**, geógrafo e pensador que transformou a forma de enxergar o mundo e as cidades

gráfica p.40



Exposição **Mire Veja** apresenta parte do acervo do Museu de Arte Moderna (MAM) no Sesc Bom Retiro

música p.54

A história de **gravadoras independentes** que ajudaram a ecoar a música brasileira ao longo das décadas

Nilton Fukuda (Entrevista); Jorge Maruta (Bio); Sara Ramo (Gráfica)

em pauta

Artigos de **Lia Baron** e **Ana Mesquita** apontam os caminhos para fortalecer as políticas públicas no campo das artes

p.60

encontros

Gabriela Sousa de Queiroz, diretora técnica da Cinemateca Brasileira, comenta desafios para a preservação das produções audiovisuais

p.66

inéditos

Angélica Freitas (poesias) e **Luli Penna** (ilustração)

p.70

depoimento

Memórias e invenções de **Tom Zé**, um artista à frente do seu tempo

p.74

almanaque

Em meio à paisagem urbana, **murais** celebram grandes nomes da cultura brasileira

p.78

P.S.

Lilian Rocha

p.82

Nilton Fukuda

PELA VIDA DAS MULHERES!

Por meio de atividades educativas e culturais,
a campanha fortalece redes de apoio e promove uma
cultura de respeito, equidade e proteção às mulheres.

**Rodas de conversas, palestras,
oficinas e espetáculos.**

Saiba mais em
sescsp.org.br/pelavidadasmulheres

Sesc 80 ANOS

Adauto Perin

De 3 de junho a 5 de julho, o espetáculo *Mudando de pele* reuniu espectadores no Teatro Raul Cortez, do Sesc 14 Bis. Estrelada por Taís Araújo, acompanhada por Dani Nega e Layla, a trama apresenta a jornada de Mayah, personagem que enfrenta as amarras sociais e emocionais que a oprimem. A adaptação é baseada na obra da inglesa Amanda Wilkin, com tradução de Diego Teza, dramaturgismo de Nathalia Cruz e direção de Yara de Novaes.

LANÇAMENTO

ivan lins sambadouro

Uma coletânea de sambas compostos em parceria com grandes nomes da música brasileira. Participações especiais de Zeca Pagodinho, Xande de Pilares, Diogo Nogueira, Péricles, Ferrugem, Hamilton de Holanda e Mart'nália.

selo Sesc

DISPONÍVEL EM

CD | music

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja

/selosesc

Alex Costa

De 6 a 16/8, Agosto Indígena é realizado em mais de 30 unidades do Sesc São Paulo. Um desfile de moda (foto) com peças do estilista Sioduhi integra a programação de abertura, no Sesc Pompeia.

Tecnologias indígenas

Em apresentações, bate-papos, exibições e oficinas, Agosto Indígena aborda as tecnologias dos povos originários

A ocupação e a circulação dos povos originários nas Américas relacionam-se ao manejo desse território e às interações com seus seres. O estabelecimento das populações humanas no continente formou um vasto repertório de tecnologias e saberes, que segue circulando entre gerações e incorporando novas ferramentas e experiências. De 6 a 16/8, como parte do projeto Agosto Indígena, unidades do Sesc São Paulo na capital, Grande São Paulo, interior e litoral serão espaços para discussão e reflexão sobre essas tecnologias.

A programação, realizada em mais de 30 unidades, revela que a ancestralidade e a inovação não são dimensões opostas e excludentes entre os povos indígenas. "Ao dedicar esta edição a esse tema pungente, o Sesc São Paulo reafirma seu compromisso com a valorização da diversidade cultural, reconhecendo que diferentes formas de produzir conhecimento não apenas ampliam as possibilidades de compreender o presente, mas também de imaginar e sustentar formas mais diversas para a vida em comum", defende o diretor regional do Sesc São Paulo, Luiz Deoclecio Massaro Galina. Com atividades gratuitas, a programação reúne apresentações, rodas de conversa, exibições e oficinas.

Na abertura do projeto, no dia 6/8, às 19h, o Sesc Pompeia apresenta o encontro *Tecnologias de resistência* com a presença do cineasta Alberto Alvares, da liderança Eunice Kerexu Yxapyry, da escritora Geni Núñez, da atriz Lilly Baniwa, do artista da luz Paulinho Fluxus, do estilista Sioduhi e do grupo musical de carimbó Suraras do Tapajós.

Entre os destaques da programação, no dia 7/8, às 10h, o bate-papo *Tecnologias indígenas do cuidado,* no Sesc Interlagos, promove uma conversa sobre os saberes ancestrais presentes no documentário *Kunhã Karai*, com participação de Lyryca e Txai Suruí, e mediação de Jessica Jere. O Sesc Campo Limpo recebe os atletas indígenas Lavozier Marubo (Vale do Javari/AM), campeão sul-americano de Luta Greco-Romana da juventude, no dia 8/8, às 15h; e dia 9/8, às 14h, é a vez de Graziela Santos (Yaci), da etnia Karapãna (AM), da seleção brasileira de Tiro com Arco.

Confira a programação completa em: sescsp.org.br/agostoindigena

Protagonismo para pessoas idosas

Cerca de 1.400 pessoas idosas, de 40 unidades do Sesc São Paulo, participam do Festival da Integração, realizado no Sesc Bertioga de 19 a 23/8 e de 26 a 30/8. Promovido desde a década de 1980, o encontro é um dos principais desdobramentos do Trabalho Social com Pessoas Idosas (TSPI) e reúne participantes de diferentes regiões do estado para compartilhar experiências, vivências e produções desenvolvidas ao longo do ano. Com foco na valorização da diversidade, da participação social e do convívio, o Festival reafirma o protagonismo das pessoas idosas e fortalece o intercâmbio entre diferentes trajetórias e contextos socioculturais, evidenciando os princípios que orientam o programa, como cidadania, inclusão, diálogo e construção coletiva de conhecimentos sobre o envelhecimento. **Leia mais em: sescsp.org.br/tspi**

Festival da Integração reúne cerca de 1.400 pessoas no Sesc Bertioga.

PERIFERIAS EM PAUTA

Em 29 e 30/8, o Sesc Casa Verde recebe a Expo Favela Innovation SP 2026, feira de empreendedorismo, inovação e cultura das favelas e periferias. Em sua quarta edição na capital paulista, o evento é realizado pela InFavela, empresa da Favela Holding, em parceria social com a Central Única das Favelas (CUFA), e reúne empreendedores, investidores, empresas, universidades e organizações para promover rodadas de negócios, mentorias, palestras e atividades culturais. A programação é gratuita e aborda negócios e temas como literatura, comunicação, entre outros, fortalecendo conexões e ampliando oportunidades para a promoção do empreendedorismo periférico. **Acesse a programação em: sp.expofavela.com.br**

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Em agosto, têm início as aulas do Sesc EAD EJA, programa que oferece, gratuitamente, a jovens e adultos a conclusão do Ensino Médio integrada à qualificação profissional em Produção Cultural. Com duração de três semestres e carga horária de 1.200 horas (50% virtual e 50% presencial), o curso combina atividades a distância e encontros presenciais, realizados no Sesc São Bento. Implantado pela primeira vez no estado de São Paulo, o Sesc EAD EJA já está presente em 18 estados brasileiros e soma mais de 7.500 estudantes formados, muitos dos quais deram continuidade à sua trajetória educacional ingressando no Ensino Superior. **Mais informações em: www.sesc.com.br/ead.**

Matheus José Maria

Juventudes celebradas

Em 12/8, Dia Internacional da Juventude, o Sesc Rio Preto oferece uma programação gratuita voltada a pessoas de 13 a 29 anos, a respeito de temas que impactam a população jovem. As atividades, promovidas pela unidade em colaboração com a Secretária de Desenvolvimento Social de São José do Rio Preto e o Centro de Convivência da Juventude (CCJ), convidam o público a participar de vivências, encontros e ações culturais. A iniciativa integra as ações do Programa Juventudes do Sesc São Paulo, que reconhece essas pessoas como protagonistas na construção de conhecimentos, práticas culturais e transformações em seus territórios. **Mais informações em: sescsp.org.br/juventudes**

A 25ª Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto é realizada entre os dias 30/8 e 5/9, com autores, pesquisadores, artistas e leitores.

Matheus José Maria

LITERATURA EM DEBATE

Entre os dias 30/8 e 5/9, a 25ª Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto promove encontros entre autores, pesquisadores, artistas e leitores, com uma programação dedicada ao debate literário de questões contemporâneas, a partir do tema "X, Y, Z, Alpha, Beta – Gerações Literárias". Autores publicados pelas Edições Sesc São Paulo marcam presença no evento, que tem a Praça XV de Novembro e o Theatro Pedro II como palcos principais. Entre as atividades, está a mesa *Ecossocialismo - um projeto de civilização*, com a socióloga Sabrina Fernandes e mediação da professora Tatiane Basconi, no dia 30/8, às 17h; o advogado e professor Renan Quinalha e a atriz Rita Von Hunty participam do bate-papo *Desejos em revolução: Homossexualidades e mudanças políticas*, no dia 31/8, às 20h30; já na atividade *Elza: Insurreição na garganta*, a jornalista Ligia Moreli e a cantora Fabiana Cozza dialogam, no dia 3/9, às 17h, sobre a revolução ecoada pela música da cantora brasileira. **Acesse a programação completa em: sescsp.org.br/sescnafil**

FAÇA SUA CREDENCIAL PLENA

Ricardo Ferreira

A **Credencial Plena** do Sesc é um benefício gratuito para pessoas com registro em carteira, que são estagiárias, temporárias, se aposentaram ou estão desempregadas há até dois anos em empresas do comércio de bens, serviços e turismo e seus dependentes familiares. Com a **Credencial Plena** você tem acesso prioritário e descontos na programação e serviços pagos do Sesc.

Qual é a validade da Credencial Plena?

A Credencial Plena tem validade de até 2 anos - para desempregados, a validade é de 24 meses contados a partir da data de rescisão do contrato de trabalho.

Como fazer a Credencial Plena?

On-line pelo aplicativo **Credencial Sesc SP** ou pelo site **centralrelacionamento.sescsp.org.br**. Se preferir, nesses mesmos canais, é possível agendar horários para realização desses serviços presencialmente, nas Centrais de Atendimento das unidades.

Relacionamento com Empresas

É o programa que facilita o acesso ao credenciamento dos funcionários das empresas parceiras dos ramos do comércio de bens, serviços e turismo. Nessa parceria, além do credenciamento, os aproximamos de nossa vasta programação e serviços. Saiba mais em **sescsp.org.br/empresas**

Quem pode ser dependente na Credencial Plena?

- **Cônjuge ou companheiro de união estável de qualquer gênero**
- **Filho, enteado, irmão, neto, tutelado e pessoa sob guarda com até 24 anos**
- **Pai, mãe, padrasto e madrasta**
- **Avôs e avós**

Acesse o portal para *saber sobre a Credencial Plena do Sesc*

do Peito ao Prato

1 a 7 de agosto

A ação incentiva práticas alimentares saudáveis na primeiríssima infância, destacando a importância do aleitamento materno e da introdução da alimentação complementar adequada como base essencial para o crescimento e desenvolvimento infantil, com reflexos ao longo da vida.

Em 23 unidades do Sesc na capital, grande São Paulo, e interior.

Saiba mais em
sescsp.org.br/dopeitoaoprato

Sesc 80 ANOS

Riscos de um imortal

Aos 90 anos, Ignácio de Loyola Brandão acaba de escrever *Risco de queda*, livro que trata de velhice, amor e lutas

POR MATHEUS LOPES QUIRINO
FOTOS NILTON FUKUDA

O escritor Ignácio de Loyola Brandão não tem se dedicado ultimamente às longas caminhadas pelo bairro por conta de um certo *Risco de queda*. Esse é o título provisório do seu livro mais recente, cuja escrita havia terminado poucos dias antes desta entrevista, em abril. Trata-se de uma autoficção que toca em temas profundos como a velhice, o amor e as lutas que Loyola encampou ao longo da vida. "Uma coisa que eu aprendi é que eu ainda tenho muito que lutar. A todo momento", define o autor, que completou 90 anos em 31 de julho.

Nascido em Araraquara em 1936, Loyola escolheu para si uma narrativa de vida diferente da de seu avô, pai e tios, que construíram a trajetória profissional na ferrovia da cidade do interior paulista. Aos 16 anos de idade, começou a escrever para a imprensa local e, em meados da década de 1950, mudou-se para São Paulo e foi trabalhar no jornal *Última Hora,* de Samuel Wainer (1910-1980). "Foi com ele que eu aprendi a fazer jornalismo. Graças à minha profissão, pude conhecer o Brasil e o mundo, lugares que eu nunca imaginei pisar, gente que sonhava conhecer", entusiasma-se.

Ao longo de mais de 70 anos de carreira, colaborou com os principais veículos brasileiros. Foi editor das revistas *Planeta*, *Claudia* e *Vogue* e é colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual escreve crônicas há mais de 30 anos. Em paralelo ao ofício jornalístico, Loyola construiu uma sólida carreira literária. Lançou mais de 50 livros e trafegou por diversos gêneros – conto, crônica, romance, memórias, não ficção, entre outros –, sempre buscando inovar na forma de contar uma história.

Os que não cuidaram dos próprios livros, desapareceram. Eu acho que eu tenho que cuidar dos meus livros, tenho que cuidar de mim e tenho que cuidar da minha literatura. Pode ser que eu não faça mais nenhum livro, mas eu vou ficar triste.

Seu percurso literário é marcado pela experimentação formal e pelo olhar crítico sobre a sociedade brasileira. Em obras como *Bebel que a cidade comeu* (1968), ele rompeu com estruturas narrativas tradicionais ao mesclar fragmentos, colagens e notícias de jornal. Essa inquietação ganhou contornos políticos em *Zero* (1974), publicado primeiro na Itália, devido à censura da ditadura militar, transformando em ficção a violência e o autoritarismo do período. Ao longo da carreira, acumulou sucessos como *Não verás país nenhum* (1981) — seu livro mais conhecido, com mais de um milhão de exemplares vendidos —, conquistou cinco Prêmios Jabuti, transitou pela literatura infantojuvenil e recebeu, em 2016, o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra. Em 2019, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, consolidando o reconhecimento de crítica e público.

Loyola mantém uma rotina intensa, participando de eventos literários e preservando a curiosidade de quem observa atentamente o mundo ao redor. Em sua casa, memórias de viagens convivem com cadernetas de anotações e uma coleção singular de folhas secas emolduradas, cada uma associada a um recorte com textos. Testemunha das transformações de São Paulo desde os tempos dos bondes na Consolação, ele lamenta a descaracterização da cidade pela especulação imobiliária e o desaparecimento de referências humanas e afetivas dos bairros. Nesta *Entrevista*, o autor relembra sua trajetória, fala sobre inspirações e a vontade de seguir escrevendo.

Há quanto tempo o senhor escreve ficção?
Eu tinha sete para oito anos quando comecei. Havia uma professora chamada Lourdes, que gostava de dar redação, e pedia para criar histórias a partir de gravuras de animais, plantas e outras figuras. Eu já gostava muito de histórias, porque meu pai as contava para mim. Em 1945, a gente tinha em casa uma biblioteca com algo em torno de mil exemplares. Quando completei dez anos, ganhei da minha madrinha uma edição de *Alice no país das maravilhas* (1865). Aquilo me virou a cabeça. Alice fazia tudo o que a gente não podia fazer. Foi quando perguntei para o meu pai o que era fantasia, e ele explicou que o mundo também era daquele jeito, tinha um lado meio doido.

E como era seu processo de escrita nesse início de carreira literária?
Eu tenho milhares de cadernetas, elas estão por toda parte, sempre saio com uma. Na escola, ganhamos da professora uma caderneta preta para anotar as impressões do cotidiano. Umas semanas depois, começamos a perceber melhor o mundo ao redor, a professora nos ensinou a olhar, a escrever e dar continuidade ao que se escrevia. Inclusive, para que a gente inventasse o que quisesse. Um dia, passou um caminhão de circo na cidade anunciando uma girafa com o pescoço de trinta metros. Eu fiquei pensando naquilo e inventei uma girafa com duzentos metros de pescoço. Na história, ela andava pela cidade se enroscando pelos fios, pelas árvores. Muitos

me chamaram de louco... Dona Lourdes deu nota máxima. No dia seguinte da redação, quando uma menina perguntou o porquê da nota, a professora explicou que era devido à imaginação. A menina retrucou: "Mas pra que serve isso?". E ela disse: "Pra viver uma vida melhor". Isso ficou na minha cabeça.

Nas crônicas, um gênero tipicamente jornalístico, o senhor cria um universo em que imaginação e realidade se encontram. Como é escrevê-las?

Eu sempre fui leitor de crônicas. Comecei a escrevê-las para os jornais há 50 anos – e aqui estou eu, a cada quinze dias, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Em geral, meu assunto é colhido enquanto eu ando. Eu vivo rodeado de histórias e personagens. É só estar atento. Vou contar uma história para ilustrar: certa vez, eu ia a pé para a redação da *Vogue* [revista da qual Loyola foi editor entre os anos 1990 e 2000], na Avenida Brasil [em São Paulo], e parei na frente de uma senhora elegante. Eu dei um passo, ela deu outro, do mesmo lado. E foi assim: você vai, ela vai, você vem, ela vem. Até que ela virou, sorriu e disse: obrigado por dançar comigo esta manhã. A crônica estava pronta! Quanto mais louca a crônica, mais ela repercute. A gente percebe que há algo curioso, de fantástico, na vida de todo mundo que causa identificação [no leitor].

O senhor acabou de escrever *Risco de queda*, seu livro mais pessoal. Está satisfeito?

Não, porque agora o livro está dentro de mim e eu não posso começar outro. Eu só dou por terminado o trabalho quando o livro sai e está na livraria. Ainda preciso afinar, adicionar coisas, reler. [O crítico] Jurandir Ferreira (1905-1977) me disse uma vez: "A palavra foi feita pra dizer, não pra enfeitar. Reduza a frase, diga e acabou", citando a frase do [romancista] Graciliano Ramos (1892-1953). *Angústia* (1936) é um livro que me dominou por inteiro. Queria ter escrito algo assim... O *Risco de queda* não me deixou angustiado, mas muito ansioso. Porque, quando termino o livro, fico espantado com o número de bobagens. É preciso cortar. O escritor Valter Hugo Mãe foi um dos primeiros a ler o novo livro e fez várias anotações. De presente, ele me deu o prefácio. Eu percebi que às vezes falo muito de mim. Depois eu corto. Adoro [o cineasta italiano Federico] Fellini (1920-1993), queria ser Fellini. Esse livro *[Risco de queda]* é felliniano.

O senhor escreveu uma ficção ecológica antes de o termo existir, *Não verás país nenhum* (1981). Quarenta e cinco anos depois, ele continua atualíssimo, por quê?

O protagonista do *Não verás* é um capitão do exército que carrega uma bolsa de colostomia pelo livro inteiro, existe a cidade gradeada, aquecimento global, a violência de São Paulo... Eu inventei tudo, a vida copiou.

Como o senhor atravessou o período da pandemia?

Você nunca sabe o que vai acontecer. Eu lancei um livro logo depois da pandemia, se chama *Deus, o que quer de nós* (2022), que é uma frase da [filósofa e escritora francesa] Simone de Beauvoir (1908-1986). E foi um fracasso total. Claro que me deu um baque, mas me disseram que foi por conta da própria pandemia. O assunto já estava esgotado. Talvez daqui dez anos alguém se interesse pelo livro, mas eu não sei.

Nos últimos tempos, falou-se muito de autoficção, e as editoras correram atrás de autores para se conectar com os leitores. Isso tem sido cada vez mais frequente, atender à demanda e não, necessariamente, criar um público. Como o senhor vê isso?

Eu posso falar sobre o que eu quiser. Todo livro tem um fundo de autoficção. Literatura é um território livre, ninguém pode dizer "que tem que ser assim". O mundo está polarizado, e a literatura também é assim, existe o politicamente correto, a vigilância. Se eu tivesse alguma resposta, eu não estaria escrevendo.

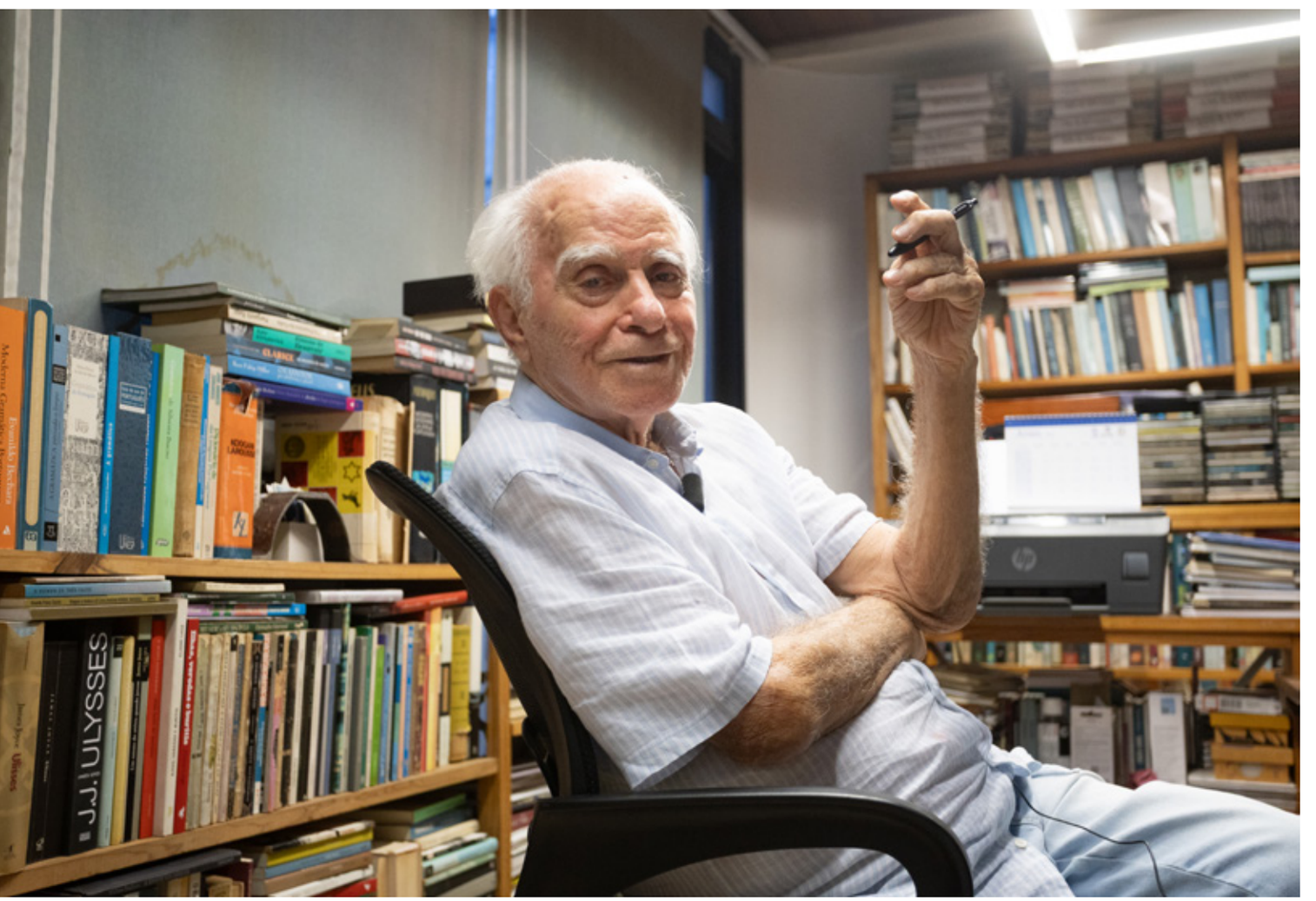
Entre os companheiros de Araraquara da sua geração, está o diretor, ator e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa (1937-2023). Como era sua relação com ele? Como o senhor reagiu à morte do Zé?

O Zé só podia morrer no fogo. Ele era fogo, sabe? Nós éramos amigos de escola. A gente assistia às missas e, todo sábado, tinha um encontro no pórtico, onde era entregue uma medalha por mérito de comportamento. E minha mãe

falava: “Você ganha uma medalha para mim?”. E eu não queria ganhar. E o Zé dizia assim: “O dia que você ganhar a medalha, nunca mais eu falo com você”. Um dia eu consegui ganhar [a medalha] pela minha mãe. Aí o Zé brigou comigo. A gente sempre foi muito ligado, porque ele gostava de teatro e eu achava interessante. A gente saía do colégio de manhã, meio-dia eu passava primeiro na casa dele e ele mostrava os teatrinhos que fazia. Um teatrinho feito com caixas de papelão, marionetes, aquelas coisas. Moramos no mesmo quarto de pensão na Alameda Santos, no número 193 [em São Paulo]. E ali a gente convivia com muita gente interessante. A gente tinha um grupo. Íamos ao teatro, cinema, e depois de um tempo o Zé fundou o Teatro Oficina, que foi crescendo. O Oficina nasceu na Rua Santo Antônio, num cômodo. Aos sábados, tinha teatro de mímica. E olha só: aquela brincadeirinha, no fim, deu no que deu.

O que mudou em São Paulo desde que o senhor chegou na cidade?

As casas vão caindo, dando lugar a prédios de alto luxo. As pessoas estão desaparecendo da cidade. Quem era referência [no bairro] desapareceu. As três professoras que tomavam café na padaria da esquina, todas as manhãs, depois o sapateiro, a vendedora de frutas, os taxistas... Sempre escrevi sobre o que vejo nas ruas. Hoje, por conta disso aqui [refere-se à bengala] tenho saído acompanhado da Márcia [sua companheira], mas eu vivo rodeado de personagens interessantes, de assunto.



Literatura é um território livre, ninguém pode dizer que tem que ser assim. O mundo está polarizado, e a literatura também é assim, existe o politicamente correto, a vigilância. Se eu tivesse alguma resposta, eu não estaria escrevendo.

Não importa se são as figuras que vemos pela janela, nas palestras que dou. Aliás, eu acabo de chegar do Maranhão, continuo viajando para falar dos livros. É necessário.

O senhor se vê como um entusiasta da própria literatura?

O que é que vai ser? O que [o livro] vai dizer? Esse é o mistério da deliciosa aventura da literatura. Com *Depois do sol* (1965), por exemplo, fiz um trabalho de divulgação de porta em porta, como se dizia naquela época. Íamos em grupo na livraria e algum de nós falava: "Que livro é esse?", aí outro respondia: "Ah, é um livro de um jornalista, Ignácio de Loyola Brandão. A televisão está falando." Pronto. Aí, três dias depois, você voltava lá e já tinha mais livros. Então eu fiz isso, livraria por livraria. E pegou. Ainda hoje eu vou nas livrarias para ver se vendeu, quanto vendeu, como está indo.

A crítica muitas vezes tenta encaixar um autor em algum gênero literário, o senhor se sente pertencente a algum?

Eu não sei o que eu escrevo, eu escrevo o que está dentro de mim. Não sei o que o público quer. Eu não sou especialista em nada. Eu conto histórias. E eu descobri que o povo gosta de histórias. Então, acho que eu sou um narrador.

O senhor conseguiu atingir a satisfação literária?

Eu acho que consegui. Lutei para burro. Mas sigo sempre aprendendo. Aprendi que ainda tenho muito por que lutar. A todo momento. Acho que isso é bom. Todos os meus amigos que falaram "Não, eu tô numa boa, eu tô bem", os que não cuidaram dos próprios livros, desapareceram. Tenho que cuidar dos meus livros, tenho que cuidar de mim e tenho que cuidar da minha literatura. Pode ser que eu não faça mais nenhum livro, mas eu vou ficar triste.

Tem algum arrependimento?

Quis muito escrever para *O Pasquim*, mas nunca consegui. Aí um dia, conversando com o [jornalista] Luiz Carlos Maciel (1938-2017), eu perguntei o porquê. Ele contou: "Claro, você era de São Paulo". Eu já escrevi para tantos lugares...

Quais são seus próximos projetos?

Não sei se eu ainda vou ter pique para fazer outro livro. Mas é questão de um minuto para eu virar tudo. Outro dia, peguei o leite para pôr no café. Era uma dessas caixinhas com a foto de uma pessoa desaparecida. Aí imaginei uma mulher tomando o café da manhã que pega a caixa e fala: "O que eu tô fazendo aqui? Sou eu." A partir daí, eu não sei mais o que fazer. Mas é assim que nasce. Será que eu ainda vou escrever pelo menos um conto? Não sei, mas eu não pararia nunca. ◆

Assista a trechos da *Entrevista* com o autor Ignácio de Loyola Brandão realizada em sua residência, em abril de 2026.

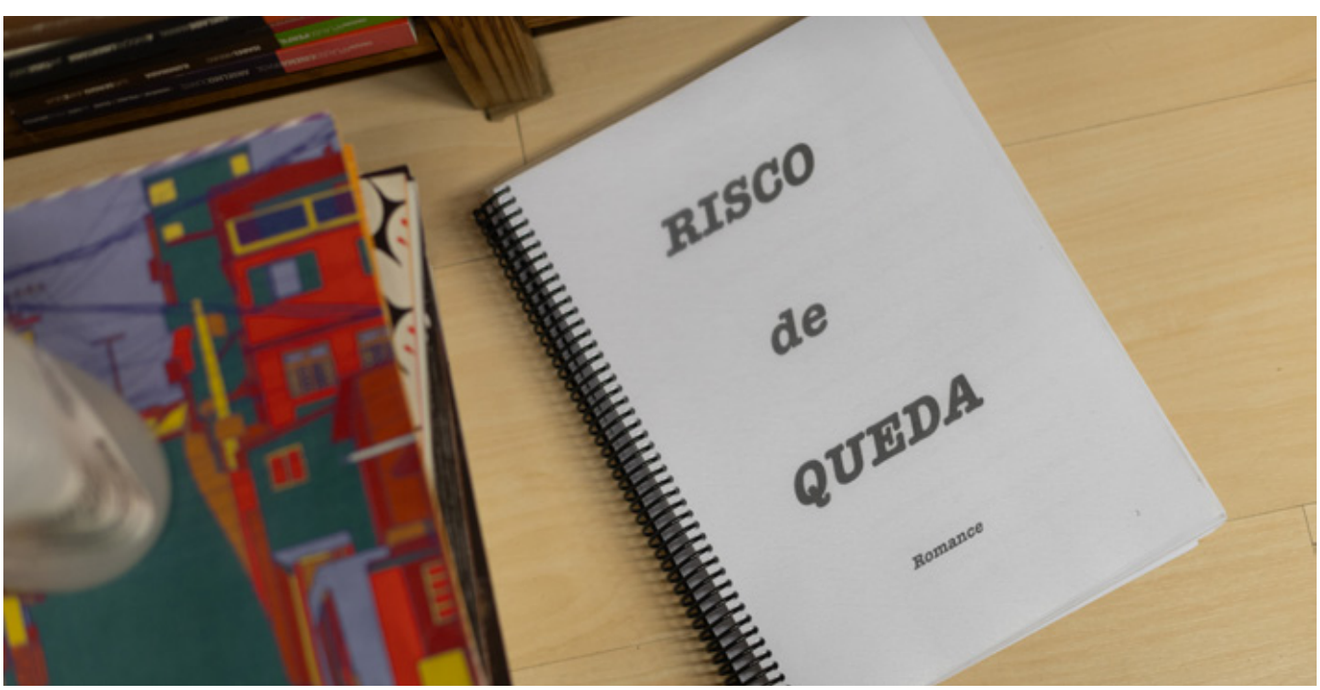
RISCO DE QUEDA

Leia trecho inédito do próximo romance do escritor Ignácio de Loyola Brandão

APRENDER A ESPERAR

Esta suspeita casa de repouso será oficialmente reconhecida? O que tem aparecido de clínicas falsas, de cirurgias de recuperação que acabam em mortes. Ele, Emmanuel, um manipulador, teria caído em uma arapuca? Será que sabe onde está? Ele que escolheu? Porém, arapuca nesta altura inconcebível, em um prédio reputado, caríssimo, fashion como gostam de qualificar para cobrar muito? Sabemos todos que o projeto do prefeito anterior era ficar na história, superando em altura os mega edifícios de Dubai, Kuala Lumpur, Xangai. Mudaram o plano diretor desta cidade, edifícios históricos caíram, o dinheiro é poderosíssimo e ergueram torres que são vistas a centenas de quilômetros. Diga-se que aquele mandatário acabou impichado, coisa rara para meliantes políticos no Brasil.

Aqui a volta ao térreo me incomoda. A começar pelo pé no saco que é a espera do elevador. Neste pátio não há cadeiras, assentos, nada. Não suporto dois minutos em pé. Mara, a fisioterapeuta, me aconselha: estique-se, faça exercícios com os pés e as pernas. Como? Estou no chão de ladrilhos, entrada e saída dos elevadores inteligentes. Qual é o nome deste lugar? Sabemos que esperar eternamente condução, metrô, táxi, uber, fila de farmácia, cinema, o que for, é necessidade, única solução para um paulistano suportar o cotidiano... Tem gente que já ficou dias esperando este elevador rodeado por indiferentes. Reclamam. Adianta? Outra coisa que se aprende é: ficar indiferente, aconteça o que acontecer. Ninguém liga. Você pode cair: as pessoas passam, olham e seguem. Ninguém quer botar a mão em cumbuca. Por isso, eventualmente, tenho uma maravilhosa cuidadora. Devo tudo a Irene, ou seja, é o mesmo de todo homem. Nada somos sem elas. Frase perigosa que pode irritar o mundo macho, coalhado de intolerantes. Muitas vezes, ao longo de 55 anos, Irene, minha mulher, esteve ao meu lado. Este "minha" pode desagradar, até ofender muita gente. Entendam, Irene não é "minha" propriedade. Nos casamos há 55 anos. E ela cuida de mim, desde que cai, a perna enfraqueceu, a memória às vezes falha, além de todas as tarefas de seu trabalho. Tenho 30 anos mais. Mas, e se eu, sozinho, cair, desmaiar, tiver um ataque? Fico ali. Vivemos a era do foda-se. Ninguém mete a mão em cumbuca.



Manuscrito do novo livro de Ignácio de Loyola Brandão, terminado pouco antes da entrevista.

Neste livro, Darlene J. Sadlier analisa cerca de cem documentários de curta e longa-metragem que dialogam com a história social e política do Brasil moderno. Ao examinar temas como nacionalismo, ditadura, democracia, desigualdades e periferias, a autora mostra como o cinema documental brasileiro se tornou um importante registro das transformações do país.

saiba mais

edições
sesc

/edicoessescsp

sescsp.org.br/edicoes

saborear as DESCOBERTAS

Muito além da saúde, introdução alimentar ajuda a construir relação afetiva, social e cultural com a comida desde os primeiros anos de vida

POR DIEGO OLIVARES

Frutas, legumes e outros alimentos podem ser introduzidos na alimentação dos bebês a partir dos seis meses de idade.

Dani Sandrini

Quando Sofia completou seis meses, começou a sentir gostos e texturas diferentes. A bebê, que até então só se alimentava de leite materno, viu o cardápio ganhar novas opções, como frutas e legumes, oferecidos entre os momentos de amamentação ao longo do dia. Era o início de uma etapa que vai muito além de ensinar uma criança a comer. É durante a introdução alimentar que começam a se formar hábitos, preferências e uma relação com a comida que pode acompanhar toda a vida.

Para os pais, porém, esse processo costuma ser acompanhado de uma mistura de entusiasmo, dúvidas e ansiedade. É preciso abrir o apetite para informação de qualidade, uma dose de cuidado e uma colherada generosa de paciência.

"Por ser a nossa primeira filha, confesso que tinha uma expectativa muito alta em relação à introdução alimentar", conta a farmacêutica Mariana Pereira, mãe de Sofia, hoje com um ano e meio. "A gente acha que vai colocar o alimento ali e a criança vai comer, mas aprende que não é assim. É preciso oferecer várias e várias vezes o mesmo alimento até a criança aceitar, ou mesmo mudar o preparo. Foi a fase mais difícil para mim até agora."

A experiência de Mariana está longe de ser exceção. O período da introdução alimentar costuma coincidir com o retorno ao trabalho após a licença-maternidade, exigindo que as famílias conciliem novos hábitos com uma rotina já sobrecarregada. Podem somar-se a isso, a rede de apoio reduzida, a avalanche de informações disponíveis na internet (nem todas vindas de fontes confiáveis) e a sensação de que existe uma maneira "certa" de conduzir o processo. "Via vídeos de uma mãe mostrando que o seu bebê comia de manhã um ovo, um pão, uma banana, uma goiaba e uma ameixa. Enquanto isso, aqui em casa, a Sofia muitas vezes comia metade de um ovo", compara. "Depois de um tempo, passei a ignorar conteúdos como esse".

"Hoje, a minha principal dificuldade é manejar as expectativas das famílias", relata a nutricionista Carla Massuia, que há 16 anos atua com alimentação na gestação e na infância. "A principal pergunta que elas fazem é: 'o que eu faço para meu bebê comer bem?'. E, na cabeça dessas famílias, comer bem está muito mais relacionado à quantidade. Mas a ciência nos mostra que esse não é o principal elemento."

Segundo o *Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos*, publicado pelo Ministério da Saúde, a orientação é que a criança seja amamentada já nas primeiras horas de vida e siga até os dois anos, se possível. Até os seis meses, a recomendação é oferecer somente o leite materno. A partir desse período, o bebê deve ser apresentado gradualmente a alimentos variados, explorando sabores, aromas, cores e texturas. Nas primeiras semanas, o foco não é a quantidade ingerida – afinal, o leite materno deve ser mantido como sua principal fonte de nutrição – mas a construção da experiência de comer.

É fundamental se atentar ao corte dos alimentos e à maneira adequada de oferecê-los ao bebê.

Evelson de Freitas

Antes de iniciar esse processo, porém, é preciso observar os chamados sinais de prontidão. O bebê deve conseguir se sentar sozinho ou com apoio mínimo, manter a cabeça firme, demonstrar interesse pela comida durante as refeições da família, levar objetos à boca com coordenação e já ter perdido o reflexo de protrusão, movimento involuntário que faz a língua empurrar para fora qualquer objeto estranho.

JANELA DE OPORTUNIDADE

A escritora Lya Luft (1938-2021) costumava dizer que "a infância é o chão que a gente pisa a vida inteira". Quando o assunto é alimentação, a metáfora ganha um sentido bastante concreto. "Até o bebê completar dois anos, estamos no que chamamos de janela de oportunidade", explica Rachel Francischi, mestre em Nutrição pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com mais de 25 anos de experiência na área. "Em nenhuma outra fase da vida temos um desenvolvimento neurológico tão intenso. Garantir nutrientes adequados nesse período significa favorecer o desenvolvimento cerebral, fortalecer a imunidade e reduzir o risco de doenças como diabetes, hipertensão, obesidade e até alguns tipos de câncer ao longo da vida."

A importância desse período não se resume aos nutrientes. Aprender a comer também é um processo de desenvolvimento. A fonoaudióloga Nathália Anastopulos, especialista em disfagia orofaríngea e desenvolvimento alimentar infantil, além de doutora em ciências da saúde e comunicação humana, lembra que existe uma tendência de imaginar a alimentação como algo automático, quando, na verdade, ela é uma habilidade construída passo a passo.

SE ENTENDEMOS QUE AS CRIANÇAS SÃO O FUTURO DA SOCIEDADE, PRECISAMOS CONSTRUIR ESTRUTURAS COLETIVAS DE CUIDADO, INCLUINDO A ALIMENTAÇÃO

Tiacuã Fazendeiro, pediatra e cocriadora da Semana de Apoio à Amamentação Negra (SAAN)

Por isso, o marco dos seis meses representa muito mais um começo do que um ponto de chegada. "O bebê está escrevendo as primeiras páginas de um livro em branco. Num dia, experimenta uma temperatura diferente; no outro, uma nova textura; depois, descobre um sabor que nunca tinha sentido. Tudo isso faz parte da aprendizagem", descreve. Essa perspectiva ajuda a aliviar uma das maiores angústias das famílias: imaginar que toda refeição precisa ser um sucesso.

APRENDIZADO MÚTUO

Se os bebês estão descobrindo como comer, os adultos também estão aprendendo a alimentar uma criança. É comum que a frustração apareça logo nas primeiras recusas. Afinal, preparar uma refeição, organizar a rotina e ver o prato praticamente intocado pode despertar uma impressão de fracasso.

Carla Massuia observa que essa sensação está profundamente ligada ao desejo de cuidar. "Quando um bebê não cresce durante a gestação, a mãe sente que não conseguiu nutrir o filho. Quando a amamentação não acontece como ela imaginava, muitas vezes surge o mesmo sentimento. Depois, ela prepara a comida, oferece, e o bebê não come. A sensação de incompetência aparece de novo."

Na tentativa de evitar essa frustração, muitos adultos acabam assumindo uma responsabilidade que não lhes pertence. A ciência do comportamento alimentar trabalha com um conceito conhecido como divisão de responsabilidades. Nele, cabe aos pais decidir o que, quando e onde será oferecida a refeição. À criança cabe decidir se vai comer e quanto vai comer.

"Quando o adulto tenta controlar a quantidade, ele entra num território que não é dele", resume Carla. "O não comer faz parte do processo." Essa lógica também ajuda a entender por que insistir, negociar, distrair ou substituir imediatamente um alimento recusado pode produzir o efeito contrário ao desejado.

Estudos mostram que uma criança pode precisar ser exposta mais de vinte vezes ao mesmo alimento antes de aceitá-lo. Caretas, recusas e períodos de desinteresse fazem parte desse caminho. Também

é comum que haja algum desperdício, já que ocasionalmente o bebê pode cuspir o alimento ou até mesmo espalhá-lo pelo chão. Cabe aos pais e cuidadores compreenderem que tudo aquilo é parte do jogo. "A sujeira pela casa é obrigatória, mas sofrer com isso é opcional", brinca a nutricionista.

Criar um ambiente favorável para essa aprendizagem é tão importante quanto escolher os alimentos que irão para o prato. "Uma criança irritada dificilmente vai comer", explica Carla. "Quando estamos nervosos, nosso organismo entra em estado de alerta e a fome desaparece. Com o bebê, acontece a mesma coisa. Por isso, antes de pensar na comida, é preciso cuidar do ambiente."

Isso significa reservar um momento relativamente tranquilo para a refeição, sem excesso de estímulos e, principalmente, sem recorrer às telas como estratégia para convencer a criança a abrir a boca. "Quando o bebê está olhando para um celular ou um tablet, ele deixa de perceber a comida", afirma. "Ele simplesmente engole. Mas isso não é aprender a comer." A refeição deixa, então, de ser uma experiência para se tornar apenas um ato mecânico.

RESPEITAR O PROCESSO

Nos últimos anos, métodos como o *baby-led weaning* (BLW), em que o bebê recebe pedaços maiores de alimentos para manipular sozinho, ganharam popularidade nas redes sociais. Mas os especialistas são unânimes ao afirmar que o sucesso da introdução alimentar depende menos da técnica escolhida do que do respeito ao desenvolvimento da criança.

"Não existe uma receita de bolo", resume Nathália. "Há bebês que preferem pegar a comida com as mãos logo no começo. Outros aceitam melhor uma colher. O importante é respeitar a individualidade de cada criança e oferecer oportunidades para que ela desenvolva autonomia."

Uma das maiores preocupações das famílias nesse período é o medo do engasgo. Nathália explica, porém, que é comum confundir engasgo com o *gag*, um reflexo natural de proteção. "No *gag*, o bebê faz um movimento de náusea, pode tossir ou até parecer

A nutricionista Carla Massuia, que há 16 anos atende famílias com bebês, observa que a parte mais difícil da introdução alimentar é manejar as expectativas dos pais.

Funny House Fotografia

Ana Federici e Rachel Francischi na horta do NaCaZinha, espaço criado por elas para oferecer abordagem multidisciplinar na alimentação de crianças.

assustado, mas continua respirando e geralmente consegue expulsar sozinho o alimento que causou o desconforto", explica. "O problema é que muitos adultos entram em pânico, colocam a mão na boca da criança e acabam tornando aquele momento ainda mais estressante." Isso não significa que o risco de engasgo deva ser ignorado. Cortes adequados dos alimentos, supervisão constante e conhecimento das manobras de desobstrução das vias aéreas continuam sendo fundamentais durante todo esse período.

À medida que o bebê aprende a comer, muitas famílias acabam redescobrindo a própria alimentação. Rachel Francischi observa que esse movimento contrasta com mudanças ocorridas nas últimas décadas, marcadas pelo aumento do consumo de ultraprocessados [formulações industriais fabricadas a partir de diversas técnicas de processamento e ingredientes, muitos deles de uso exclusivamente industrial, como refrigerantes, salgadinhos "de pacote", biscoitos recheados, macarrão instantâneo e cereais açucarados], refeições prontas e aplicativos de entrega. "Quando chega o bebê, muitas famílias voltam a frequentar feiras livres, passam a cozinhar mais e aprendem até a escolher frutas, verduras e legumes", conta.

Depois de mais de duas décadas acompanhando esse panorama, Rachel se uniu à chef e engenheira química de alimentos Ana Federici na criação do NaCaZinha. O espaço, localizado na zona Sul de São Paulo, tem uma abordagem multidisciplinar para a culinária e nutrição. Ali são oferecidas oficinas para famílias e crianças de todas as idades, vivências na horta e uma série de atividades, sempre utilizando a comida como pano de fundo para momentos lúdicos e de aprendizado.

Nilton Fukuda

"Temos programas que usam a cozinha, música e artes também como ferramenta de educação. Trabalhamos nos bastidores com as famílias para entender o que precisa ser suprido de ensinamento e procuramos uma maneira de levar isso através da cozinha. Então uma criança que está na escola com dificuldade em matemática, ou com dificuldade em história, vem aqui para fazer uma aula de culinária e de repente tem aquele momento de 'nossa, mas eu estou aprendendo isso na aula, que legal!'", conta Ana.

TAREFA COLETIVA

Embora a introdução alimentar aconteça principalmente dentro de casa, seus desafios extrapolam a esfera familiar. A rotina de trabalho, a renda, o acesso a alimentos frescos, o funcionamento das creches, a existência de serviços públicos de saúde e até a infraestrutura das cidades influenciam diretamente esse processo.

"As crianças não deveriam ser responsabilidade só das famílias. E muitas famílias não deveriam ser responsabilidade apenas das mães", afirma Tiacuã Fazendeiro, pediatra e cocriadora da Semana de Apoio à Amamentação Negra (SAAN), celebrada anualmente entre 25 e 31 de agosto.

"Se entendemos que as crianças são o futuro da sociedade, precisamos construir estruturas coletivas de cuidado, incluindo a alimentação."

A médica chama atenção para as desigualdades que encontra em seu trabalho pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Enquanto algumas famílias discutem alimentos orgânicos ou diferentes métodos de introdução alimentar, outras lidam com dificuldades muito mais básicas: ausência de água tratada, acesso limitado a frutas e verduras e predominância de alimentos ultraprocessados, muitas vezes mais disponíveis do que produtos frescos em regiões remotas do país.

Ela também defende políticas públicas que permitam ampliar o tempo de convivência entre pais e filhos nos primeiros meses de vida. "A melhor forma de conciliar amamentação e introdução alimentar seria uma licença parental mais longa. Quando os responsáveis precisam voltar ao trabalho muito cedo, tudo fica mais difícil." Essa perspectiva amplia a discussão para além das escolhas individuais. Alimentar bem uma criança depende, sim, do empenho das famílias, mas também das condições para que esse cuidado seja possível.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento

O QUE O SEU FILHO PRECISA É DA SUA PRESENÇA, VOCÊ DANDO UM BOM EXEMPLO, E UMA COMIDA DE VERDADE SENDO FEITA

Rachel Francischi, nutricionista e mestre em Nutrição

Tiacuã Fazendeiro, pediatra e cocriadora da Semana de Apoio à Amamentação Negra (SAAN), aponta que as desigualdades também impactam a introdução alimentar: enquanto algumas famílias discutem alimentos orgânicos, outras lidam com dificuldades muito mais básicas.

Nilton Fukuda

da Educação (FNDE), oferece algumas diretrizes para a alimentação das crianças em creches e escolas, como a proibição de ultraprocessados e a priorização de alimentos *in natura* [alimentos obtidos diretamente de plantas e animais, e que não sofreram qualquer alteração após deixar a natureza, como frutas, legumes e verduras], de preferência oriundos de agricultura familiar. Especialistas orientam que os pais busquem se informar se o PNAE é seguido pela instituição. Além da garantia de contar com alimentos ofertados num horário padronizado, o ato de comer na companhia de outras crianças, seguindo o exemplo dos colegas, também traz benefícios.

Enquanto isso, para quem prepara as refeições em casa, vale colocar uma pitada de leveza no menu. "A gente vê hoje as famílias encarando a cozinha e esse lugar de preparar a alimentação para a introdução alimentar como algo muito complexo", analisa a chef Ana Federici. "Porque vem essa cobrança das mídias de que precisa ser o prato perfeito, precisa ter todos os grupos alimentares, precisa ser a comida sempre fresca. É no simples que a gente consegue educar e alimentar bem as crianças", complementa.

Carla Massuia vai pelo mesmo caminho: "A sensação que tenho é que hoje existem muitas regras, algumas delas desnecessárias". Ela reforça que não há problema em preparar a comida uma vez por semana e descongelar antes das refeições, e reconhece que exigir um prato colorido e variado todos os dias pode ser irreal. Afinal, mais vale uma mãe, um pai ou cuidador bem-disposto e conectado com a criança sentada no cadeirão, do que alguém cansado tentando empurrar a colher boca adentro. "O que o seu filho precisa é da sua presença, você dando um bom exemplo, e uma comida de verdade sendo feita", arremata Rachel Francischi. ◆

Na Semana Mundial do Aleitamento Materno, 23 unidades do Sesc São Paulo oferecem atividades sobre alimentação na primeiríssima infância.

Bruna Damasceno

CONHECIMENTOS À MESA

Sesc São Paulo realiza Do Peito ao Prato, com atividades que discutem alimentação, cuidado e desenvolvimento na primeiríssima infância

Para difundir conhecimentos sobre nutrição e introdução da alimentação complementar de crianças até 2 anos de idade, entre os dias 1º e 7 de agosto, o Sesc São Paulo realiza a 7ª edição do projeto Do Peito ao Prato, com uma programação voltada à promoção da alimentação saudável na primeiríssima infância. Em sintonia com a Semana Mundial do Aleitamento Materno, a iniciativa reúne diversas atividades em 23 unidades da capital, Grande São Paulo e interior, incluindo palestras, oficinas, rodas de conversa, vivências e exibições que abordam temas como amamentação, introdução alimentar, alimentação responsiva e fortalecimento dos vínculos familiares.

"O projeto reconhece a educação alimentar e nutricional, desde os primeiros anos de vida, como uma estratégia fundamental para promover a autonomia e o cuidado, além de favorecer o desenvolvimento de relações mais saudáveis, conscientes e prazerosas com a alimentação, cujos reflexos se estendem por toda a vida", defende Mariana Meirelles Ruocco, gerente da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc São Paulo. **Acesse a programação em: sescsp.org.br/dopeitoaoprato**

Confira destaques:

14 BIS

Do Peito ao Prato: primeiras colheradas

Roda de conversa, vivências sensoriais e oficina culinária. Com Rachel Francischi e Ana Federici. **Dia 1/8, sábado, 10h30 e 16h, na Área de convivência. GRÁTIS.**

GUARULHOS

Primeiros sabores que contam histórias

Com o Coletivo Cafuzas e a equipe do Banco de Leite Humano do Hospital de Guarulhos. **Dias 1 e 2/8, sábado e domingo, às 14h, no Espaço de Brincar. GRÁTIS. Entrega de senhas 30 minutos antes da atividade.**

24 DE MAIO

Comer é aprender: pequenos sabores, grandes descobertas

Oficina que convida bebês a explorar alimentos enquanto cuidadores esclarecem dúvidas e refletem sobre alimentação responsiva. **Dia 6/8, quinta, às 18h, na Sala do Curumim. GRÁTIS.**

Jorge Maruta

território EXPANDIDO

No centenário de seu nascimento, Milton Santos segue como referência intelectual que revolucionou a Geografia, unindo diversas áreas do conhecimento para pensar a sociedade

POR MARINA VAZ

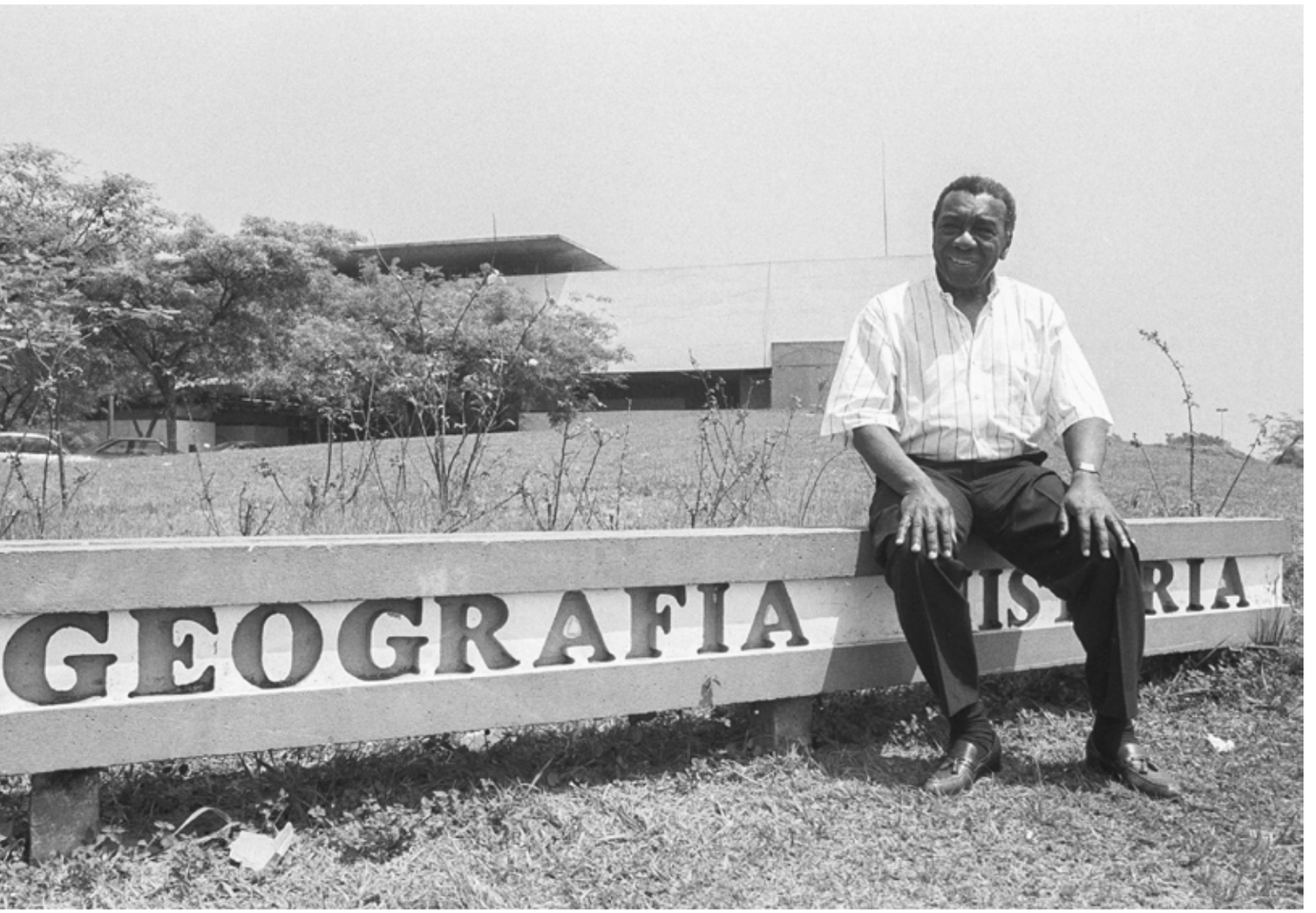
Em um pedaço de papel, o geógrafo Milton Santos (1926-2001) escrevia, com caneta-tinteiro, uma frase. Depois outra; e outra. Quando julgava ter ideias suficientes para um texto, tratava de unir os fragmentos com fita adesiva, grampos, clipes e até alfinetes. Esse copia-e-cola analógico era feito, muitas vezes, deitado. "No dia a dia, podíamos ter alfinetes pela cama; era uma vida muito perigosa", diverte-se Marie-Hélène Tiercelin dos Santos, sua companheira por três décadas. Com uma obra que inclui mais de 40 livros em diferentes idiomas, o intelectual baiano revolucionou a Geografia no Brasil e no mundo.

Outro hábito mantido por Santos – cujo centenário de nascimento é celebrado este ano – era catalogar suas "futuras leituras" em pequenas fichas, contendo título, autor e tema, e guardá-las em caixas de acrílico ou madeira, como um "mini acervo transportável", nas palavras de Marie-Hélène. Tais caixinhas foram doadas ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e integram, hoje, o Fundo Milton Santos. "Conhecimento não é só o que eu já li, o que já vivi, é também o que eu sei que é bom e que preciso conhecer", disse Santos, nos anos 1980, a um de seus alunos, Jaime Tadeu Oliva, hoje professor e geógrafo do IEB.

O acervo inclui livros, documentos, manuscritos, fotos e recortes de jornal. Para Oliva, os itens revelam como Santos tinha um "projeto intelectual" bem definido, de "pensar o mundo social a partir de sua dimensão espacial". "Para ele, a Geografia precisa ser uma disciplina que compreende o espaço não apenas como uma estrutura física inerte. O modo como esse espaço foi produzido passa a participar de nossas relações sociais. Milton faz uma crítica poderosa da Geografia existente; é um renovador da área e, depois, influencia outros campos dos saberes", afirma Oliva, que cogitava abandonar a faculdade, até assistir a uma palestra dele. A Geografia proposta por Milton Santos – esta, sim – lhe interessava.

BASES CONSOLIDADAS

Nascido no dia 3 de maio de 1926, em Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, Milton Almeida dos Santos foi alfabetizado em casa pelos pais, Adalgisa e Francisco, professores primários que ainda lhe ensinaram francês. Aos 10 anos, mudou-se para um colégio interno de Salvador, onde já demonstrava interesse pela Geografia. Foi na capital baiana, em 1948, que se formou em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Jorge Maruta

Milton Santos entendia a Geografia como uma disciplina viva e em diálogo constante com o contexto político e social.

O professor Milton Santos se dedicou, por opção e por sensibilidade, a revolucionar nossa disciplina, teórica e metodologicamente; virou uma obsessão. Sua obra é rigorosamente científica e libertária.

Maria Adélia de Souza, amiga e parceira profissional de Milton Santos

Em 1956, assumiu como docente de Geografia Humana na Universidade Católica de Salvador, e ali permaneceu até 1960, quando passou a lecionar na UFBA. Nesse meio-tempo fez doutorado na Universidade de Estrasburgo, na França, com tese intitulada *O Centro da cidade do Salvador* – até hoje, um de seus textos mais lidos. A vida acadêmica era conciliada, até então, com outros cargos, como redator do jornal *A Tarde* (1954-1964), diretor da Imprensa Oficial da Bahia (1959-1961) e presidente da Fundação Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia (1962-1964).

Por conta de suas ideias e sua atuação na esfera pública, Santos foi preso pela ditadura logo após o Golpe de 1964. Depois de três meses detido, sofreu uma grave isquemia cerebral, que resultou em paralisia facial. Os militares, temendo a repercussão que sua morte poderia gerar, o liberaram para tratamento médico e prisão domiciliar. Com ajuda diplomática do consulado francês, o geógrafo conseguiu viabilizar seu autoexílio, que duraria cerca de 13 anos.

PROFESSOR DO MUNDO

Ao chegar à França, Milton Santos atuou, por alguns anos, como professor da Universidade de Toulouse. Depois, transferiu-se para a Universidade de Bordeaux, onde, no efervescente ano de 1968, conheceu uma estudante de Geografia chamada Marie-Hélène. Sua figura chamou a atenção da jovem francesa para aquele professor "vindo de outro mundo, com ideias novas", ela bem lembra. "A Geografia de Bordeaux era muito tradicional, ligada ao antigo colonialismo. Você estudava África com a cabeça de estudar um mundo subdesenvolvido. E ele trouxe essa maneira absolutamente nova de dizer que a economia dita informal não é um atraso na economia, ela é essencial para as cidades funcionarem", afirma Marie-Hélène Tiercelin dos Santos, fazendo referência a conceitos que culminariam em *O espaço dividido* (1975).

No fim dos anos 1960, Milton Santos também conheceu uma futura parceira profissional e amiga, Maria Adélia de Souza. O primeiro contato foi num café parisiense próximo à Universidade Sorbonne. Não foi bem um contato; foi mais um tropeço. Atrasada para uma reunião com seu orientador de mestrado, Celso Furtado (1920-2004), entrou correndo, desequilibrou-se e caiu, espalhando apostilas pelo chão. "Percebi uma mão me ajudando e, quando olho, era Milton Santos. Ele começou a falar francês e eu, atrapalhada, disse 'pode falar em português que eu sei quem você é'. Celso e Milton me chamaram para sentar e fiquei lá, por duas horas, assistindo a uma das mais importantes conversas que já ouvi, sobre o Brasil, o Golpe Militar e o futuro do país", relembra Maria Adélia. Em Paris, Santos lecionou, até 1971, no Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social (IEDES) e na própria Sorbonne.

Após a temporada francesa, o intelectual iniciou uma itinerância por universidades do mundo, com contratos que duravam, em geral, um ano letivo. O primeiro convite que aceitou foi no Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos. Depois, foi lecionar na Universidade de Toronto, no Canadá, e, então, seguiu para instituições no Peru, na Venezuela e na Tanzânia. A cada mudança, ele e a esposa transportavam, em baús metálicos, seus pertences essenciais – um ou outro objeto doméstico, livros e muitos, muitos manuscritos. Isso porque, após deixar muita coisa para trás no Brasil, Santos criou o hábito de fazer várias cópias para cada texto que escrevia.

A última parada foi na Universidade de Columbia, em Nova York. Durante essa segunda estadia nos Estados Unidos, Santos recebeu um convite para trabalhar na Nigéria, mas a vida nômade já não animava tanto o casal. "Naquela época, era cada vez mais difícil para ele ficar longe do Brasil. Quando estávamos na Tanzânia, ele tinha tido a oportunidade de dar um pulo aqui [como professor convidado da Unicamp, em 1975]. Teve muito medo, não sabia o que poderia acontecer, mas deu tudo certo. Depois disso, ficou com essa ideia de voltar", conta Marie-Hélène.

TRAJETÓRIA (INTER)NACIONAL

A vontade de retornar ao Brasil foi impulsionada por uma notícia: Marie-Hélène estava grávida. Em meados de 1977, já no oitavo mês de gravidez, eles desembarcaram em Salvador, para o filho Rafael poder nascer "brasileiro e baiano", como era desejo dos dois. Por ser professor concursado pela UFBA, Santos achou que seria reintegrado à universidade, o que não aconteceu. "Ele voltou do exílio, mas o exílio dele permaneceu, de certa maneira, por aqui", pondera Jaime Tadeu Oliva, do IEB-USP.

Um dos apoios fundamentais nesse momento foi o de Maria Adélia de Souza, que havia conhecido em Paris. Sabendo das dificuldades do geógrafo em se reinserir no circuito acadêmico brasileiro, ela articulou sua vinda para São Paulo e, com o apoio do arquiteto Carlos Lemos, passou a se revezar com Milton Santos nas aulas de uma disciplina da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, onde ela já lecionava. Assim, ele passou os primeiros anos de seu retorno como professor convidado na FAU-USP e, também, como professor visitante na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Até que, em 1983, Santos soube por Maria Adélia que haveria um concurso para professor de Geografia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP). Ele foi aprovado e ela, transferida da FAU-USP para lá. No dia da posse, os dois subiram, de braços dados, as rampas do prédio, consolidando uma parceria que manteriam em diversas frentes – como, por exemplo, no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial. "Eu tinha um conhecimento técnico, de fazer planos estratégicos para governos; e ele, um trabalho genial e importantíssimo na universidade. Então, trocávamos muita informação, porque a Geografia é prima-irmã da política. Foi isso que nos permitiu um diálogo científico e intelectual", diz ela. "O professor Milton Santos se dedicou, por opção e por sensibilidade, a revolucionar nossa disciplina, teórica e metodologicamente; virou uma obsessão. Sua obra é rigorosamente científica e libertária", define Maria Adélia, que, até hoje, desdobra os conceitos miltonianos em seus livros e pesquisas.

No início dos anos 1980, Milton Santos também conheceu o geógrafo francês Jacques Lévy, que se tornaria um de seus principais interlocutores europeus. "Minha primeira impressão foi sua determinação em pensar o mundo, não em descrevê-lo, nem apenas compreendê-lo e explicá-lo. Pensar, ou seja, conseguir organizar as diferenças em um todo e representar a complexidade de maneira simples", diz ele. "Milton faz parte de um grupo – na minha opinião, muito restrito – de geógrafos que se distinguem por duas características: a consciência de que a teoria, ambiciosa e rigorosa, é absolutamente necessária; e a determinação de ultrapassar as fronteiras disciplinares para inserir o pensamento do espaço humano em uma abordagem comum a todas as ciências do mundo social", analisa Lévy.

Milton Santos foi homenageado com 20 títulos *honoris causa*, concedidos por universidades do Brasil e do mundo, entre 1980 e 2000 – período em que publicou diversos livros que pavimentaram o caminho para sua importante obra *A natureza do espaço* (1996). Em 1994, tornou-se o primeiro e único latino-americano a receber o Prêmio Vautrin Lud, a maior honraria da geografia mundial (curiosamente, Jacques Lévy receberia o mesmo prêmio em 2018). A medalha de ouro que acompanhou o Vautrin Lud foi um dos pouquíssimos itens que sua viúva preferiu manter em família, sem doar para o acervo do IEB-USP.

A minha história e a do Milton se atravessam de muitas maneiras. E o encontro com a poderosa obra dele moldou minha maneira de pensar, de ver o mundo, e foi importante para aquilo que viria a aparecer na minha literatura.

Itamar Vieira Junior, escritor

UM INTELECTUAL POP

Rosto estampado em grafites e ímãs de geladeira. Trechos de livros compartilhados nas redes. Um nome que homenageia praça, assentamento de terra e até time de futebol. Além de todo o reconhecimento acadêmico, Milton Santos se tornou um ícone popular. "Depois do falecimento dele, essa figura de intelectual negro foi importante para a difusão das ideias. Os jovens da periferia se apropriaram de algumas frases de impacto e isso circulou muito. Ele falava muito dessa aceleração da história, dessa tecnologia que iria permitir que as periferias se expressassem de maneira independente", observa Marie-Hélène.

"Milton é um nordestino, é um preto; ele informa para outras pessoas em condições parecidas que, se ele conseguiu, qualquer um consegue", afirma o geógrafo e ativista social Billy Malachias. Ele próprio sentiu essa representatividade ao cruzar, pela primeira vez, com o professor. "Sempre elegante e com um terno claro", Santos abriu seu "sorriso largo" para Malachias, negro como ele. "Pareceu um sorriso

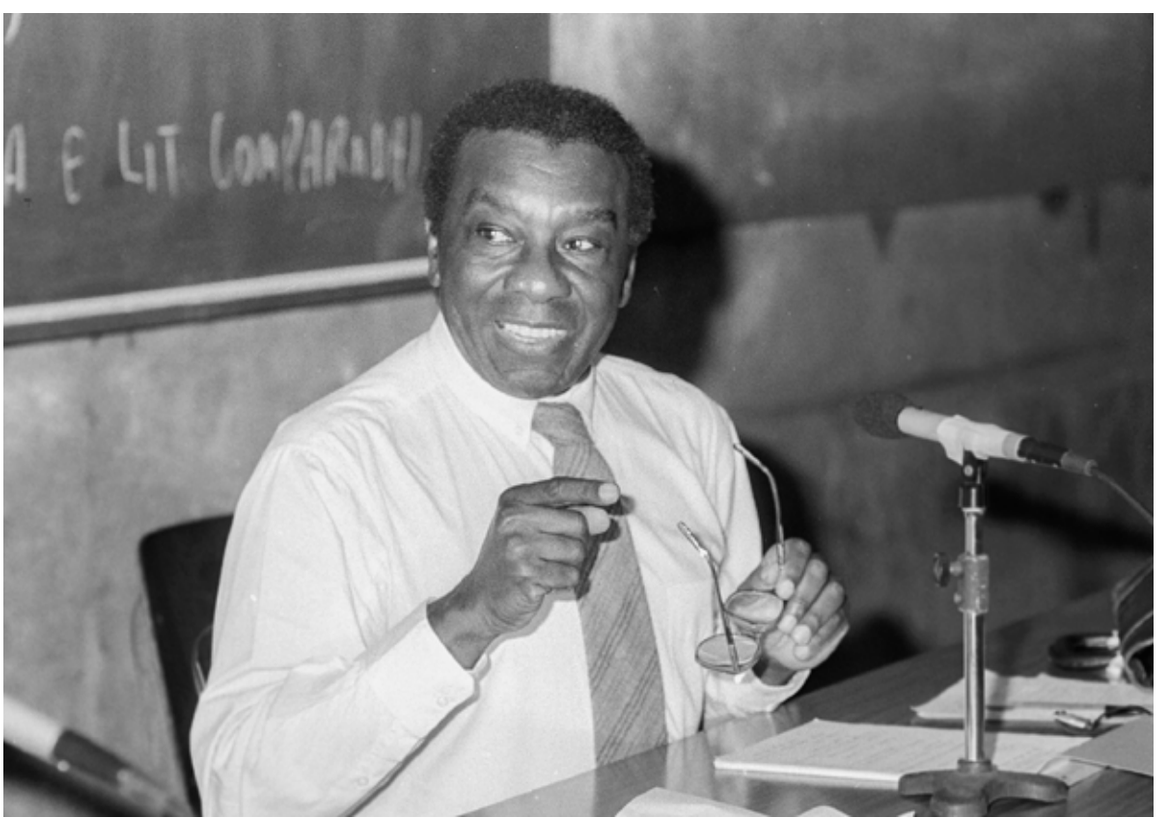
de cumplicidade, um gesto acolhedor." Nas aulas, Santos levava textos inéditos para debater com os alunos – e a turma de Malachias escutou, em primeira mão, muito do que apareceria em *Por uma outra globalização* (2000).

O livro ganhou edição recente com prefácio assinado pelo escritor baiano Itamar Vieira Junior. Formado em Geografia pela UFBA, ele foi o primeiro estudante beneficiado pela Bolsa Milton Santos, criada pela família do intelectual para apoiar pesquisas acadêmicas. "A minha história e a do Milton se atravessam de muitas maneiras. E o encontro com a poderosa obra dele moldou minha maneira de pensar, de ver o mundo, e foi importante para aquilo que viria a aparecer na minha literatura", afirma o autor de *Torto arado* (Todavia, 2019), fenômeno editorial sobre a vida de uma família de trabalhadores rurais no sertão baiano.

"Milton Santos vivia olhando para o futuro e conseguia descrever o futuro como ninguém. Ele falava de um 'período popular da história' em que aquele que parecia historicamente mais fraco iria ditar os rumos do mundo. Isso não acontece de maneira homogênea, mas o Movimento dos Sem Terra é uma face disso que ele viu; os movimentos sociais espalhados por muitos lugares do mundo também refletem isso", observa Vieira Junior.

Reverberações desse "período popular da história" também foram vistas, na opinião de Billy Malachias, durante a pandemia, quando coletivos periféricos se organizaram, via celular, para mapear enfermos e organizar doações. "Essa apropriação pelos movimentos sociais comprova, em certa medida, o que Milton estava dizendo. Porque, para ele, o 'período popular' é quando a dimensão demográfica ressignificaria o uso hegemônico das novas tecnologias. Neste caso, essa ressignificação teve um caráter solidário, que não é o vertical, que não é o hegemônico, mas é o horizontal, é o da cooperação."

Milton Santos morreu no dia 24 de junho de 2001, em decorrência de um câncer de próstata. Viveu praticamente toda a sua vida no século 20. Mas seu pensamento e sua obra já tinham chegado ao século 21 bem antes disso. ◆



Oswaldo José dos Santos

Em sua experiência internacional, Milton Santos lecionou em países como Estados Unidos, França, Peru, Venezuela e Tanzânia.

OLHAR ALÉM

Exposição no Sesc Bom Retiro reúne os acervos do MAM e do Sesc São Paulo, convidando o público a criar conexões e fazer novas descobertas com a arte

POR VANUSA SOARES SOUZA

Everton Ballardin

Luz natural (2011),
de Eduardo Coimbra.

Rafael Roncato

"Mirar" pode significar dois atos: o de observar com atenção e, ao mesmo tempo, o de focar em um alvo. Já a palavra "veja" costuma aparecer de modo imperativo como um pedido, um convite ou uma provocação. Em um título que une essas duas palavras, surge a pergunta: qual seria a provocação proposta ao público?

Esse é o mote de *Mire Veja: MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro,* exposição em cartaz na unidade localizada na região central da capital. Uma parceria do Museu de Arte Moderna (MAM) com o Sesc São Paulo, a iniciativa integra o MAM em Movimento, que promove a circulação de obras do acervo do museu em diálogo com outros espaços e instituições culturais, proporcionando ao público visitante o contato com trabalhos de diferentes linguagens, suportes e períodos. Parte desse acervo itinerante do MAM se junta aos trabalhos que estão presentes desde a inauguração do Sesc Bom Retiro e que compõem o Acervo Sesc de Artes.

Aberta ao público em 30/6, a mostra reúne mais de 50 obras do acervo do MAM e do Sesc São Paulo, com nomes de artistas como Rosângela Rennó, Cao Guimarães e Lenora de Barros, junto a obras que ocupam o edifício do Sesc Bom Retiro, como os trabalhos de Artur Barrio, Nelson Leirner (1932–2020), Rubens Gerchman (1942–2008) e Paulo Bruscky. As obras não se restringem ao espaço expositivo, mas podem ser apreciadas nos diferentes ambientes do edifício. "O que fica impregnado nas paredes de uma instituição cultural? Que memórias, disputas e formas de convivência se acumulam em seus ambientes? O que as instituições fazem com o que aprendem dos públicos?", indaga Mirella Estelles, uma das curadoras, resumindo as questões que suscitaram a ação.

A oferta de materiais educativos, textos, áudios e dispositivos motivam o público a olhar e procurar elementos nas obras, destacando a importância da mediação cultural como um instrumento de fruição artística. "O que se expõe de fato vai sempre além dos objetos artísticos; são também as narrativas e fabulações, os discursos e dispositivos que acompanham as conversas entre educadores e visitantes na exposição", explica Valquíria Prates, que também assina a curadoria da exposição.

Para Juliana Braga, gerente na Gerência de Artes Visuais e Tecnologia do Sesc São Paulo, a opção por apresentar seu acervo artístico em espaços de circulação é um gesto da instituição que visa aproximar a produção visual do cotidiano de seus frequentadores. "O Sesc São Paulo optou pela apresentação de sua coleção em locais improváveis – piscinas, ginásios e centrais de atendimento – permitindo que a arte esteja presente para além dos espaços dedicados", explica.

O conjunto de obras apresentadas reforça a ideia de que não há uma maneira única de ver e de apreciar a arte e evidencia a possibilidade de múltiplas leituras a partir do repertório individual, das memórias e da sensibilidade que constituem a experiência singular de mirar e de perceber o que cada um carrega. ◆

BOM RETIRO

Exposição Mire Veja: MAM São Paulo visita o Sesc Bom Retiro
Terça a sexta, 9h às 20h. Sábado, 10h às 20h; domingo e feriado, 10h às 18h. Até 27/9. Grátis.

***Sem título* (1949), de Alberto da Veiga Guignard.**

Acima: *As paredes têm ouvidos* (1975), de Amélia Toledo.
À direita: *Histórias do não ver* (1998/2008), de Cao Guimarães.

Romulo Fialdini

Rosângela Rennó

Acima: *Comunhão I* (2006), de Rodrigo Braga.
À esquerda: *Corpos estranhos* (2009), de Rosângela Rennó.

Romulo Fialdini

Everton Ballardin

Acima: *Circuito impresso* (2008), de Gisela Motta e Leandro Lima.
À esquerda: *Lute* (1967/1998), de Carlos Zilo.

Acima: *Lute* (1967/2005), de Rubens Gerchman.
À direita: *Estrutura vermelha* (1981), de Emanoel Araujo.

Ding Musa

Multidão (1968), de Claudio Tozzi.

Everton Ballardin

AGOSTO

INDÍGENA

Apresentações, bate-papos, exibições e oficinas destacam as tecnologias desenvolvidas e utilizadas pelos povos indígenas no Brasil para fortalecer suas culturas e conservar seus territórios.

6 a 16 de agosto

Programação completa em
sescsp.org.br/agostoindigena

Sesc 80 ANOS

LADO B

Álbuns e artistas hoje cultuados foram lançados por gravadoras independentes, que contribuíram para eternizar a riqueza da música brasileira

POR LUCAS NOBILE

Quando Marcus Flávio Pereira (1930-1981) decidiu, em dezembro de 1973, fechar sua agência de publicidade e transformá-la em uma gravadora de discos, passou, segundo ele, da condição de "publicitário sofredor" para a de "produtor esperançoso". Empresário, homem de negócios e, ao mesmo tempo, um idealista, manteve a esperança por pouco mais de sete anos, quando faleceu. Passados 45 anos após sua morte, o legado deixado pela Discos Marcus Pereira segue valorizado e acessível ao público nas plataformas digitais de áudio.

São 144 discos de artistas de todas as regiões do país, reunindo as mais diversas manifestações culturais brasileiras. A maioria deles com uma característica em comum: recusados pelas gravadoras hegemônicas do mercado fonográfico de seu tempo, só conseguiram a oportunidade de gravar seus álbuns por um selo independente.

Rodeado por pessoas que entendiam muito de música e cultura popular – como o diretor artístico Aluízio Falcão, o produtor João Carlos Botezelli (Pelão, 1942-2021), os compositores Martinho da Vila e Theo de Barros e o professor pernambucano Hermilo Borba Filho (1917-1976) – Marcus Pereira e sua gravadora lançaram obras hoje consideradas patrimoniais. Lançado em 2018, o livro *Discos Marcus Pereira: uma história musical brasileira*, de André Picolotto, conta em detalhes a jornada do selo.

Por priorizar o valor artístico e documental antes de pensar em atender a demandas mercadológicas imediatistas, a atuação de Pereira e sua gravadora era tratada pela imprensa dos anos 1970 como "quixotesca". Para a mídia da época, era utópico demais uma gravadora brasileira de pequeno porte querer arriscar fazer algo diferente aos padrões estabelecidos em um mercado fonográfico dominado por empresas multinacionais.

LADO A

A dinâmica era assim havia mais de 70 anos, ainda na chamada "Fase mecânica", antes mesmo de as gravações elétricas serem realizadas no Brasil. Fundada em

Cartola, Tom Jobim, Dorival Caymmi e muitos outros artistas emblemáticos passaram por selos alternativos em discos celebrados até hoje.

Arte sobre foto do acervo do Arquivo Nacional Correio da Manhã

1900 no Rio de Janeiro, a pioneira Casa Edison pertencia a Fred Figner, natural da região da Boêmia (atual República Tcheca). O predomínio das gravadoras estrangeiras em território brasileiro se estendeu ao longo de todo o século 20. Criada em 1903, a Odeon era alemã. A Columbia, de 1888, a RCA, de 1901, e a CBS, de 1938, estadunidenses. A PolyGram, de 1962, holandesa. Além de lançar discos vindos do exterior, as grandes multinacionais (chamadas de *majors*) produziram álbuns históricos em solo brasileiro. Para ficar apenas na Odeon: LPs de João Gilberto (1931–2019), Dona Ivone Lara (1921–2018), Paulinho da Viola, Clementina de Jesus (1901–1987), Regional do Canhoto, Milton Nascimento, Clara Nunes (1942–1983), João Donato (1934–2023), Nelson Cavaquinho (1911–1986), Adoniran Barbosa (1910–1982), Rosinha de Valença (1941–2004) e Os Tincoãs.

Na época, as gravações eram feitas em fitas analógicas, que custavam caro, os discos eram prensados em formato físico (vinil) e chegavam ao público acompanhados por materiais gráficos, depois de passar por uma complexa cadeia de distribuição em um país de dimensões continentais. Mesmo sem o poder de financiamento comparável às multinacionais, gravadoras independentes conseguiram se projetar no cenário fonográfico e fazer história no Brasil.

CATÁLOGOS PRECIOSOS

Em gravadoras independentes, foram viabilizados os primeiros álbuns de sambistas como Cartola (1908–1980), Leci Brandão, Paulo Vanzolini (1924–2013), Donga (1889–1974), e discos de grupos como Quinteto Armorial e a Banda de Pífanos de Caruaru, de Elomar e de Canhoto da Paraíba (1926–2008), todos lançados pela Discos Marcus Pereira. A empresa também produziu séries, como a que ficou conhecida como "Mapeamento musical do Brasil" – com músicas das cinco regiões – e outra com compositores de quatro grandes escolas de samba do Rio de Janeiro (Mangueira, Portela, Império Serrano e Salgueiro).

Inúmeros outros selos de pequeno e médio porte, cada qual com um conceito, uma assinatura, uma estética única, brindaram o público com catálogos de valor imensurável. Entre 1981 e 1991, o selo Som da Gente, de Walter Santos (1939–2008) e Tereza Souza (1940–2009), teve como foco a música instrumental. Em uma década, lançou 46 discos de artistas como Hermeto Pascoal (1936–2025), Hector Costita, Heraldo do Monte e Hugo Fattoruso.

"Mais do que lançar discos, essas gravadoras exerceram um papel de curadoria cultural. Foram responsáveis por identificar artistas, preservar tradições, incentivar experimentações e registrar manifestações musicais que, muitas vezes, estavam à margem dos interesses da grande indústria fonográfica", avalia Carla Souza Poppovic, coordenadora do projeto Acervo Som da Gente, voltado a preservar o legado do selo. "Seus catálogos constituem hoje um patrimônio documental de valor inestimável, capaz de revelar não apenas a evolução da música brasileira, mas também

O violonista e compositor Baden Powell teve alguns de seus grandes sucessos gravados no selo Forma.

Arquivo Nacional Correio da Manhã

Dorival Caymmi e Vinicius de Moraes dividem a mesa e o canto com o Quarteto em Cy, que teve álbum lançado pelo selo Forma.

aspectos da história social, política e cultural do país", diz.

Décadas antes, outras gravadoras independentes também passaram à história. Nos anos 1950, o selo Festa foi fundado para que seu criador, o diplomata Irineu Garcia (1920-1984), pudesse ouvir seus amigos declamarem poesias feitas por eles. E não eram quaisquer poetas. Muito bem relacionado, Garcia levou ao disco os brasileiros Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Vinicius de Moraes (1913-1980), João Cabral de Melo Neto (1920-1999) e Mário Quintana (1906-1994), o chileno Pablo Neruda (1904-1973) e, também, importantes discos de autores ligados à música de concerto, como Cláudio Santoro (1919-1989) e Camargo Guarnieri (1907-1993).

A relação de proximidade entre Irineu Garcia e Vinicius de Moraes levou à gravação em 1958 de um álbum com letras do poeta, músicas de Tom Jobim (1927-1994) cantadas por Elizeth Cardoso (1920-1990). Considerado como um dos marcos iniciais da bossa nova, o LP *Canção do amor demais*, do selo Festa, apresentava ao mundo o violão de João Gilberto. Em 2018, o acervo do selo Festa voltou aos holofotes graças à descoberta pelo Instituto Glória ao Samba de um disco da Portela para a etiqueta de Irineu Garcia em 1959, considerada perdida por quase 50 anos.

Na década seguinte, outras duas gravadoras criaram catálogos prestigiados até hoje, não apenas no Brasil. Entre 1963 e 1968, a Elenco, de Aloysio de Oliveira (1914-1995) – com capas criadas pelo designer Cesar G. Vilella (1930-2020) e pelo fotógrafo Francisco Pereira – lançou álbuns de Nara Leão (1942-1989), Edu Lobo, Dorival Caymmi (1914-2008), Tom Jobim, Sérgio Ricardo (1932-2020), Sylvia Telles (1934-1966) e Sérgio Mendes (1941-2024).

No mesmo período, com o Brasil entrando em um regime de ditadura militar, o selo Forma, de Wadi Gebara (1937-2019) e Roberto Quartin (1943-2004), precisou de apenas dois anos para tornar-se atemporal. Entre 1964 e 1966, lançou discos cultuados, cujos exemplares originais são vendidos atualmente a cifras astronômicas. *Coisas* (1965), de Moacir Santos (1926-2006), *Os afro-sambas de Baden e Vinicius* (1966), de Baden Powell (1937-2000) e Vinicius de Moraes, chegam a valer R$ 45 mil e R$ 5.500, respectivamente.

"Essas gravadoras tiveram um papel fundamental porque apostavam na arte. E deixaram um legado. Mas o prejuízo que a Forma acumulou foi monstruoso, mal chegou a completar dois anos de atividades, e aí foi vendida pra Companhia Brasileira de Discos (depois Phonogram, depois Polygram, hoje Universal), que passou a utilizar a Forma como um selo, sem ligação com a proposta inicial", diz Renato Vieira, autor do livro *Tempo feliz, a história da gravadora Forma*, lançado em 2022 pela editora Kuarup, que, por sua vez, também legou ao país um catálogo de discos de Paulo Moura (1932-2010), Turíbio Santos e Radamés Gnattali (1906-1988).

Arquivo Nacional Correio da Manhã

Nara Leão lançou o álbum de estreia pela Elenco, em 1964.

Na curta história da Forma, foram 22 LPs e mais alguns compactos. Discos memoráveis como o da trilha sonora de *Deus e o Diabo na terra do sol*, filme de Glauber Rocha (1939-1981), e artistas como Quarteto em Cy, Sebastião Tapajós (1943-2021) e Eumir Deodato.

"As gravadoras que não eram *majors* tinham uma visão mais cultural do que comercial – tanto que muitas delas não se sustentaram financeiramente e tiveram o acervo comprado ou transferido. Como as *majors* eram quatro ou cinco, e não davam conta de gravar tudo, os selos citados apostavam no novo e no inusitado. E daí surgiam álbuns que foram definidores para a cultura brasileira, como o *Canção do amor demais* e *Os afro-sambas*. *Os afro-sambas* foi gravado com uísque rolando em um estúdio alagado pelas chuvas de janeiro de 1966, o que provavelmente jamais seria permitido por uma *major*, mas é esse clima que deu ao disco uma sensação de autenticidade. A criação era incentivada pelos chefes das independentes e estava acima de tudo", diz Vieira.

PATRIMÔNIO MUSICAL

Em diferentes épocas e regiões, outras gravadoras deixaram catálogos tão relevantes quanto atemporais. No Rio de Janeiro, a Musidisc, de Nilo Sérgio (1921-1981), e a Tapecar, sediada em Bonsucesso, subúrbio do Rio de Janeiro, pelo espanhol Manuel "Manolo" Camero (1935-2018), e a Albatroz gravaram uma diversidade de discos: dos cocos de Bezerra da Silva (1927-2005) aos sambas do Partido em 5 e de Beth Carvalho (1946-2019), do Trio Surdina (de Garoto, Chiquinho e Fafá) aos sambas de terreiro feitos por autores da Portela e do

Arquivo Nacional Correio da Manhã

Império Serrano. Na São Paulo dos anos 1970, a Cantagalo, de Pedro Sertanejo (1927-1997), valorizava a música nordestina. Por ela saíram, por exemplo, os primeiros álbuns de Dominguinhos (1941-2013). Na década seguinte, a Lira Paulistana abriu seus microfones para artistas como Itamar Assumpção (1949-2003) e Tetê Espíndola.

"Além das gravadoras, eu queria citar uma pessoa: Toninho Barbosa (1941-2024), técnico do estúdio Sonoviso [fundado por padres]. Foi por causa dele que, no fim dos anos 1970, muita gente conseguiu gravar de forma independente, como Antônio Adolfo, Luli e Lucina, Danilo Caymmi e Boca Livre, por exemplo. Foi nesse estúdio que os discos foram feitos, graças à generosidade do Toninho", acrescenta Vieira. Além do pianista Antônio Adolfo, que criou o próprio selo, Artezanal, para gravar músicas suas e de outros colegas do meio musical, há o exemplo bastante lembrado de Tim Maia (1942-1998), que fundou o Seroma, pelo qual lançou a legendária série *Racional*.

Entre 1954 e 1984, a pernambucana Fábrica de Discos Rozenblit, do empresário José Rozenblit (1927-2016), tendo o selo Mocambo como sua marca principal, produziu, gravou e espalhou pelo país a fina flor da música nordestina e sua imensa diversidade.

"Os selos Rozenblit, Erla (de Belém), Gravodisc (São Paulo) etc. foram importantes no registro dos artistas locais. Não vejo comparativo desses selos para os dias atuais, vivemos numa era que é possível subir qualquer coisa no streaming sem custo, então não há relação. Se fosse para abordar [o panorama atual], citaria selos como Risco, Rocinante, 40% Foda/Maneirissimo e Quintavant", diz o multi-instrumentista e produtor Kassin.

Do Rio de Janeiro, com mais de 70 lançamentos de 2014 para cá, o selo QTV (Quintavant) tem em seu catálogo respeitável álbuns de Índio da Cuíca, Negro Leo, Crizin da Z.O., Caxtrinho, Tantão e Os Fita, Juçara Marçal e Kiko Dinucci.

Outra iniciativa contemporânea que vem ganhando destaque é a Rocinante – não por acaso, nome do cavalo de Dom Quixote. Criada em 2018 pelo músico, poeta e economista Sylvio Fraga e pelo engenheiro de som Pepê Monnerat, os discos são realizados em parceria com a Três Selos e podem ser comprados avulsos ou por meio de assinatura mensal. O catálogo traz produções de Letieres Leite (1959-2021), Marcelo Galter, Ilessi e Aguidavi do Jeje.

"A importância de todas aquelas gravadoras é imensa! São desbravadoras, priorizaram a arte, deram voz a singularidades. Isso é tudo. Eu incluiria a JS, da Bahia", diz Fraga, da Rocinante, em referência à gravadora do radialista José Santos, que lançou nos anos 1960 discos de Gilberto Gil, Batatinha (1924-1997), Alcyvando Luz (1937-1998) e Mestre Bimba (1900-1974). "A gente é totalmente alheio a qualquer coisa que não seja a aventura musical, de fazer o que a gente gosta, de se divertir fazendo e criando música. Não temos expectativas quanto à venda e popularidade. Divulgamos tudo com muito capricho, queremos ser ouvidos o máximo possível, mas não mudamos nada esteticamente. Não nos interessa o que o mercado deseja, o que o algoritmo indica", complementa Fraga. ◆

DIVERSIDADE MUSICAL

Selo Sesc amplifica a pluralidade da música brasileira

Criado pelo Sesc São Paulo em 2004, o Selo Sesc apresenta ao público a pluralidade e a riqueza das manifestações musicais brasileiras. Por meio de álbuns físicos e digitais, além de produções audiovisuais e uma newsletter, investe em registros raros da cultura popular e em diferentes estilos da música brasileira, de concerto, instrumental e para crianças.

Em mais de duas décadas, seu catálogo é composto por cerca de 290 produtos, entre CDs, DVDs e LPs. Em plataformas digitais, são cerca de 200 álbuns e 110 singles, que acumulam mais de 27 milhões de plays, com ouvintes de 180 países. Há obras de nomes cultuados da música brasileira, como Adoniran Barbosa, Dona Ivone Lara, João Gilberto, entre outros.

Ampliando as reflexões sobre o universo musical brasileiro, o Selo Sesc também edita a *Zumbido*, publicação digital na qual a música é apresentada, analisada, explicada em textos de diferentes autores, com múltiplas perspectivas.

Leia mais sobre o Selo Sesc e seus projetos em: **sescsp.org.br/selosesc**

ARTE E POLÍTICAS PÚBLICAS

Em um país cuja identidade foi historicamente construída pela força de sua produção cultural, discutir políticas públicas para as artes significa discutir também democracia, cidadania e futuro. A criação da Política Nacional das Artes (PNA), instituída por Decreto Presidencial no último mês de março, surge, nesse contexto, como um marco histórico para a cultura brasileira, não apenas por reconhecer a centralidade das artes na vida social, mas por estabelecer diretrizes concretas para sua continuidade, proteção e desenvolvimento em escala nacional.

Os debates recentes em torno da estruturação das políticas culturais brasileiras mostram que o fortalecimento institucional da cultura deixou de ser apenas uma pauta setorial e passou a ocupar um papel estruturante dentro do projeto democrático brasileiro. A professora, consultora e pesquisadora Lia Baron destaca justamente esse caráter histórico da iniciativa ao afirmar que "a PNA representa um compromisso do Estado com as artes e a proposição de um mapa para a efetivação de ações de dimensão pública que a projetem e impulsionem".

Nesse sentido, a PNA não pode ser analisada isoladamente. Ela integra um movimento mais amplo de reconstrução das políticas culturais no Brasil, articulado à regulamentação do Sistema Nacional de Cultura, ao fortalecimento da Política Nacional Aldir Blanc e à criação de novos instrumentos de financiamento e gestão pública. Trata-se de um esforço que busca transformar ações culturais pontuais em políticas de Estado duradouras, capazes de atravessar governos e garantir estabilidade para artistas, produtores, pesquisadores, técnicos e para toda a cadeia da economia criativa.

A analista de Políticas Sociais do Governo Federal Ana Mesquita ressalta que a PNA "articula acesso, criação, difusão, memória, formação, pesquisa e desenvolvimento socioeconômico, estruturando o campo das artes como uma política cultural de Estado que busca não só proteger, mas também promover a cultura e as artes como pilares essenciais da sociedade brasileira", apontando para uma compreensão ampliada de cultura, entendida não apenas como produção artística erudita, mas como expressão viva dos modos de vida, das memórias, dos territórios e das identidades brasileiras.

Neste *Em Pauta*, Lia e Ana refletem sobre o que é possível esperar a partir da criação da Política Nacional das Artes e sua importância para a sociedade brasileira em âmbito geral.

Ilustração Rafael Sica

Uma conquista histórica para o futuro das artes

POR LIA BARON

Há uma feliz novidade no campo artístico-cultural brasileiro. Este ano, o país passou a dispor de um marco normativo que defende as artes como bem de toda a população, estabelecendo um norte para o impulsionamento de sua criação, proteção e difusão. Trata-se da Política Nacional das Artes (PNA), lançada no último mês de março. Foi uma conquista batalhada, um acontecimento não trivial. Mesmo com tudo o que representam as artes brasileiras, ainda não havia um instrumento de política pública que tratasse das especificidades do campo artístico –das suas características, singularidades e necessidades. E, apesar da demora, também não foi à toa que isso tenha acontecido agora. É o que procuro explicar aqui.

As políticas culturais brasileiras já viveram, na sua história de quase um século, uma grande variedade de ciclos. Alguns foram mais intensos na criação de programas, projetos e ações culturais. Outros, mais acelerados no desenvolvimento das instituições públicas. Houve ainda os mais profícuos na produção das leis e normas que organizam nosso ambiente. Obviamente, as políticas para a cultura também passaram, no Brasil, seus momentos de duras penas: regressões, desmontes, refreamentos e apagões tiveram seus lugares nessa história.

Os artistas, produtores e técnicos atualmente em atividade já puderam testemunhar oscilações entre um e outro tipo de ciclo. Se, no início dos anos 2000, vivemos um momento vigoroso no impulsionamento das políticas culturais, a partir de 2016 fomos lançados em uma fase de abandono, seguida por um período, pós-2019, em que a cultura foi enfrentada como inimiga pública de um governo que não a queria, ou mesmo que a odiava. Tornar-se desafeta, nesse sentido, não significou apenas ser alvo das mais ardilosas estratégias discursivas; representou ver destruídos os alicerces de políticas até então desenvolvidas (com grande sacrifício) para que a cultura brasileira existisse e crescesse de maneira saudável.

Pois este ciclo também passou. Desde 2023, a cultura vive tempos de refundação das suas estruturas, reconexão com suas prioridades, revisão de suas metas, retomada dos seus programas e ações. Voltamos a ter um ministério. E, se o Ministério da Cultura é a casa das nossas políticas, pudemos voltar a criá-las, fazê-las, discutir sua pertinência e suas aplicações. Foi nesse contexto que a formulação da PNA (anteriormente iniciada e subitamente interrompida) pôde ser retomada.

Para entender em maior profundidade esse processo, uma pergunta primária se impõe: o que constitui, efetivamente, uma Política Nacional? Dado que o termo "política" tem um sentido difuso e variante, do que tratamos quando o utilizamos para nomear um instrumento de natureza normativa? Em termos formais, as Políticas (com P maiúsculo) são criadas para consolidar os princípios e as diretrizes que vão orientar o Estado e a sociedade civil na efetivação de determinados direitos sociais. Elas constituem o norte a partir do qual as instituições vão operar, o terreno sobre o qual programas e ações serão fundados; elas dão o sentido coletivo para o movimento de fazer um direito deixar de existir apenas na lei, ganhando vida concreta. Se a Constituição Brasileira garante a cultura como um direito de todo cidadão, é preciso que Políticas sejam desenvolvidas para que ele realmente permeie a vida da sociedade.

De novo: parece básico, mas não é. Voltemos ao caso das artes. Podemos dizer que as instituições, programas e ações desenvolvidos para proteger e promover as artes brasileiras vêm efetivamente sendo criados, pelo menos, desde o início do século 20. Mas como medir os resultados de um esforço que, apesar de volumoso, não parte de uma estratégia articulada e orgânica? Como maximizar o efeito das ações desenvolvidas por agentes isolados, sem potencializar suas conexões? Como evitar que tudo aquilo que foi e vem sendo feito pelas artes seja des-

A Política Nacional das Artes representa um compromisso do Estado com as artes e a proposição de um mapa para a efetivação de ações de dimensão pública que a projetem e impulsionem

continuado ou voe de acordo com o vento soprado por governos desinteressados ou raivosos?

É para isso que as Políticas Nacionais existem. Não apenas para gerar novos assuntos, demandas ou despesas para o Estado. Mas, acima de tudo, para que se crie um solo orgânico sobre o qual se plante: solo que se mantenha fértil, fazendo crescer e florescer continuamente; solo objeto de uma inteligência de plantio pensada, planejada e arquitetada; solo firme e resistente, que venha a alicerçar nossas casas até diante das fortes tempestades.

Na cultura, percebe-se hoje que a criação de Políticas Nacionais é uma tônica. Além da PNA, acompanhamos recentemente a formulação de políticas no campo das culturas tradicionais e populares, da economia criativa, da economia de museus, entre outras. Trata-se de um volume enorme de formulações jurídico-normativas que, tomado em conjunto, não pode ser desconsiderado; deve, antes, ser entendido como um sintoma de nosso tempo. Após um momento traumático (em que vimos quase tudo que construímos se perder), precisamos de cartas mais seguras; desejamos pactuar nortes comuns, que orientem caminhos profícuos, continuados e saudáveis. É o que temos procurado fazer, construindo novas Políticas.

Para as artes, é claro que o lançamento da Política produz um efeito simbólico: o do reconhecimento deste setor como dotado de especificidades, características que o tornam absolutamente singular, e para o qual devem ser desenvolvidas estratégias sob medida. Mas não apenas isso: a PNA responsabiliza o Estado pela coordenação de uma colaboração entre os entes federativos, agentes culturais e a sociedade civil no desenvolvimento de ações concretas e palpáveis para o impulsionamento do setor artístico. Isso diz respeito a todos os elos do seu fazer: acesso, criação, difusão, internacionalização, memória, formação e pesquisa. Determina ainda que tais ações sejam pautadas por princípios como a liberdade de manifestação (tão ameaçada poucos anos faz), a territorialidade da produção (indispensável para a sua democratização) e o compromisso com o desenvolvimento sustentável (em alinhamento com o pensamento global mais contemporâneo).

A PNA representa um compromisso do Estado com as artes e a proposição de um mapa para a efetivação de ações de dimensão pública que a projetem e impulsionem. Agora, é tratar para que a PNA exista fora do papel; para que o norte vire trajeto; para que o princípio vire ação. Aos artistas e a todos os cidadãos, cabe não apenas cobrar que isso aconteça, como tomar parte nesse processo. Pois, como preconiza a PNA, as artes são um direito de todos. E todo direito deve ser cuidado e embalado por toda a sociedade. ◆

Lia Baron é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi Subsecretária de Cultura dos municípios do Rio e de Niterói. Trabalhou no Ministério da Cultura e na Funarte. É coorganizadora de publicações voltadas para políticas culturais, tais como *Pacto pela Cultura, Viver de Cultura*, *Cultura é Território* e *Gestão Cultural*. Foi consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI). É membro da Cátedra Unesco de Políticas Culturais e Gestão (Fundação Casa de Rui Barbosa). É doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio e mestre pelo Programa *Crossways in European Humanities* (União Europeia).

Vetor da garantia dos direitos culturais

POR ANA MESQUITA

O conceito de cultura é um conceito em disputa no campo da produção de conhecimento sobre o tema. Essa disputa de narrativas também pode ser vista e refletida no que diz respeito às políticas culturais, influenciando a forma como estas são desenhadas. Podemos identificar duas dimensões de pensamento que são mais difundidas e aparecem com mais frequência na bibliografia a respeito: a dimensão sociológica e a dimensão antropológica. A pesquisadora Isaura Botelho explica que na perspectiva do conceito sociológico a cultura é entendida como um parâmetro de civilidade e erudição artística e filosófica, já o conceito antropológico de cultura se baseia na perspectiva de que cultura é todo um conjunto de modos de fazer e de viver de um determinado povo, produzido através da interação social e elaborado a partir de seus modos de pensar e agir, seus valores, manejando identidades.

E nesta perspectiva antropológica podemos elencar diversos autores como Marilena Chauí no campo filosófico – e fortemente influenciada por sua experiência como Secretária de Cultura da cidade de São Paulo entre 1989 e 1992; Celso Furtado e sua visão cepalista desenvolvimentista, e também com conhecimento de causa por sua passagem à frente do Ministério da Cultura (Minc) nos anos 80; e Raymond Williams (1921-1988) [escritor e acadêmico britânico]. Em consonância – e cada um a partir de um caminho teórico distinto –chegam muito similarmente à definição desse conceito ampliado de cultura, ou seja, de que a cultura é todo um modo de vida, em consonância com a dimensão antropológica explicitada por Isaura Botelho. Para os autores citados, a cultura é uma amálgama que dá liga e sentido a todos esses aspectos relacionados à vida, ao cotidiano na cidade, os direitos sociais, sua memória e identidade.

É justamente esse olhar ampliado para a cultura que baliza a elaboração e implementação das políticas culturais no âmbito federal. Apesar do hiato entre 2017 e 2022, essa perspectiva foi reforçada nos últimos anos por um arcabouço jurídico para a garantia de um entendimento ampliado de cultura balizando as políticas culturais. Conceitos como cidadania cultural, autonomia, protagonismo sociocultural, economia da cultura e inclusão cultural passaram a fazer parte dos discursos e documentos elaborados pelo Ministério da Cultura. A fim de estruturar um aparato institucional mais robusto para a área cultural, foi proposto o Sistema Nacional de Cultura (SNC). Este sistema busca institucionalizar e fortalecer a gestão pública de cultura, com base num modelo que reúne a sociedade civil e os entes federativos, com seus respectivos sistemas de cultura, organizados de forma autônoma e em regime de colaboração. Seu principal objetivo é garantir a todos os brasileiros o efetivo exercício de seus direitos culturais, tal qual consta em nossa Constituição. Seu papel é crucial para garantir a continuidade das políticas públicas de cultura e viabilizar estruturas organizacionais e recursos em todos os níveis de governo. A construção do SNC é um processo contínuo e ainda são muitos os desafios para a consolidação do sistema, desafios esses que permanecem até hoje, após quase 20 anos do início de sua elaboração.

Em 2024 foi publicada a lei 14.835, a primeira legislação regulatória do Sistema Nacional de Cultura. Nesta lei os nove componentes do SNC (conselho, plano, sistemas de financiamento, conferência, sistema de informações, programa de formação, comissões intergestores, sistema de financiamento e sistemas setoriais) aparecem como um ecossistema interligado para a construção de um modelo de gestão que garanta o direito constitucional de acesso à cultura. No primeiro momento de implementação, buscava-se a institucionalização do CPF da Cultura (conselho, plano e fundo). Com a nova lei, muda-se a orientação e busca-se a implementação dos nove componentes.

Nesta esteira podemos elencar algumas ações estruturantes da construção deste sistema. Primeiro, a institucionalização dos dois colegiados de parti-

A estrutura de legislações e normas criadas nos últimos anos tem perseguido a construção de um aparato de gestão e administração pública a fim de garantir os direitos culturais elencados na Constituição Federal

cipação e pactuação federativa, no caso a reorganização do Conselho Nacional de Políticas Culturais, assinado em maio de 2026 e que retoma esse espaço como deliberativo, revogando decreto do governo anterior que havia rebaixado seu papel ao âmbito consultivo, e a criação da Comissão Intergestores Tripartite, espaço de pactuação consensual entre os gestores dos três entes federativos: governo federal, estadual e municipal.

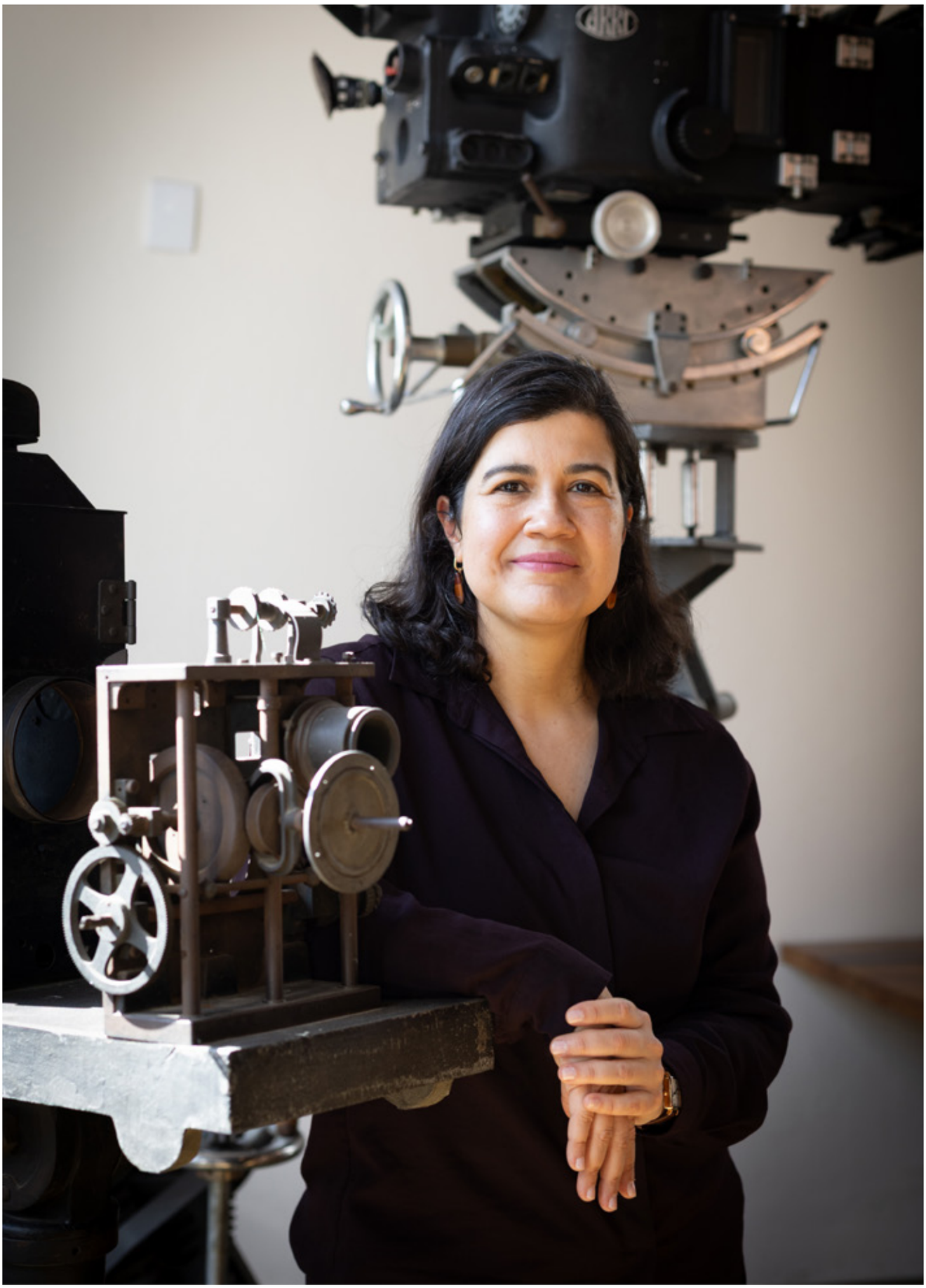
Segundo, e não menos importante, está a criação do Plano Nacional de Cultura, construído a partir das propostas da Conferência Nacional de Cultura, realizada em 2024 com ampla participação da sociedade civil. Planos de cultura têm como objetivo organizar o planejamento estratégico e orçamentário, orientando a formulação das políticas culturais, ou seja, o que uma gestão pública precisa fazer para a cultura de um país, estado ou cidade.

No âmbito do financiamento à cultura, a Política Nacional Aldir Blanc (PNAB) é um mecanismo fundamental para a implementação do SNC, possibilitando o financiamento de ações culturais em todo o território nacional, democratizando o acesso aos recursos públicos de cultura e diversificando a produção artístico cultural. O desafio estrutural posto para a consolidação do SNC é justamente a criação de fundos de cultura nos estados e municípios, preparando as gestões públicas para a obrigatoriedade e condicionalidade de recebimento da PNAB à existência de um fundo de cultura a partir de 2027.

Outro destaque para a estruturação do SNC é a criação da Política Nacional das Artes. A PNA elabora um sofisticado arranjo conceitual garantindo alguns direitos culturais. Deslocando o campo de ação somente da produção artística, articula acesso, criação, difusão, memória, formação, pesquisa e desenvolvimento socioeconômico, estruturando o campo das artes como uma política cultural de Estado que busca não só proteger, mas também promover a cultura e as artes como pilares essenciais da sociedade brasileira.

A estrutura de legislações e normas criadas nos últimos anos tem perseguido a construção de um aparato de gestão e administração pública a fim de garantir os direitos culturais elencados na Constituição Federal. E para além do nobre objetivo geral colocado, a organização desta série de leis, decretos e resoluções determina a forma como o Estado tem tratado a cultura brasileira, e esse entendimento busca reduzir desigualdades históricas no acesso a bens e serviços públicos, e fundamentalmente no acesso a recursos financeiros da cultura. Evidentemente que o aparato colocado acima não é perfeito e necessita de ajustes constantes, contudo este é o momento histórico em que a cultura do país está mais próxima de ter um sistema público de acesso a bens, serviços e principalmente, de direitos culturais. ◆

Ana Mesquita é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território da Universidade Federal do ABC (UFABC). Analista de Políticas Sociais do Governo Federal, atualmente trabalha na Diretoria do Sistema Nacional de Cultura do Ministério da Cultura.



TELA de memórias

Gabriela Sousa de Queiroz, diretora técnica da Cinemateca Brasileira, relata os desafios da gestão da instituição e da preservação do legado audiovisual no país

POR ALEXANDRE RAITH
FOTOS NILTON FUKUDA

Um filme sobre a história da Cinemateca Brasileira pode ser montado a partir das memórias de Gabriela Sousa de Queiroz. Desde o primeiro ano da graduação em História, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Gabriela trabalhou com arquivos e acervos históricos, tendo em vista a preservação e difusão da memória. Em 2004, já graduada, ingressou como voluntária na Cinemateca e passou a dedicar suas pesquisas ao campo audiovisual. Com especialização em Arquivologia e em Gestão Cultural, assumiu a coordenação do Centro de Documentação e Pesquisa, entre 2013 e 2020, e foi nomeada diretora técnica da instituição em 2021.

Localizada na Vila Clementino, zona Sul de São Paulo, a Cinemateca reúne o maior acervo de filmes da América do Sul. Busca não só restaurar, preservar e exibir, mas manter viva a memória da produção audiovisual. Sua história se confunde com os enredos emocionantes e sinuosos que caracterizam o setor no país. Da mesma forma, reflete os avanços e os retrocessos das nossas políticas culturais.

"Nesse ano, a Cinemateca faz 80 anos. Estou na instituição há 22 e, como tenho 44, passei metade da minha vida aqui. Vi momentos de grande impulsionamento, nos quais ela se posicionou como uma das melhores instituições do seu campo de atuação, não só no Brasil. Também vivenciei cortes abruptos", afirma. "Isso define a sua característica principal: a resiliência. É algo que, de certa forma, contamina positivamente todas as gerações que passaram por aqui."

Neste *Encontros*, Gabriela conta a sua trajetória na instituição, além de refletir sobre a luta para a preservação da memória audiovisual, os desafios na

Nilton Fukuda

gestão de um espaço cultural, as transformações na indústria cinematográfica e o momento atual do cinema brasileiro.

PRESERVAÇÃO AUDIOVISUAL

Em 2004, quando voltava de Assis para São Paulo, encontrei por acaso no ônibus meu orientador da graduação. Ele falou que um pessoal estava fazendo estágio na Cinemateca Brasileira e perguntou se isso me interessava. Em fevereiro, comecei a trabalhar como voluntária na instituição e, desde então, se passaram 22 anos em que me dedico à preservação audiovisual. Iniciei minha carreira no Centro de Documentação e Pesquisa, que é o acervo das produções audiovisuais, dos movimentos cinematográficos, ou seja, dos documentos de arquivos pessoais, institucionais e de produção historiográfica. Esse trabalho voluntário que comecei a desenvolver na Cinemateca reforçou o caminho que já estava tentando pavimentar, de trabalhar em instituições de memória. Também lecionei História por seis anos, mas decidi consolidar minha carreira no campo da preservação audiovisual.

AVANÇOS E RECUOS

A Cinemateca começou um processo de impulsionamento em 2004, executando a segunda fase do projeto de restauração dos seus galpões. Entre 2008 e 2012, houve uma série de investimentos do governo federal e desafios para as instituições culturais, como a questão da cultura digital e dos acervos na internet. O Plano Nacional de Cultura, em 2010, foi lançado com metas audaciosas. Nesse período, a Cinemateca cresceu e chegou a ter 150 profissionais, se destacando entre as principais do mundo dentro da Federação Internacional de Arquivos de Filmes. Então, veio a crise de 2013, que durou pelo menos uma década, quando a gestão foi interrompida de forma abrupta. Foi um processo de estrangulamento material e político da instituição.

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Em 2020, os profissionais foram desligados. Ficamos um ano e meio fora da instituição. Restaram 60 funcionários, técnicos especializados para dar conta do acervo documental, das atividades de conservação e da coleção audiovisual. Depois, vivenciamos uma tragédia no começo da pandemia, uma enchente na Vila Leopoldina [bairro de São Paulo onde havia um galpão com parte do acervo]. Em seguida, vieram o confinamento e o corte dos salários. A solução que o governo federal deu foi a de assumir a Cinemateca. Restaram, basicamente, os serviços de limpeza e manutenção, sem nenhum técnico especializado. A tragédia anunciada foi um incêndio de 2021, no período desse fechamento.

RENASCER DAS CINZAS

Depois do incêndio, o governo federal publicou um edital para a seleção de uma nova organização social [para administrar a instituição em conjunto com a então Secretaria Especial de Cultura, do Ministério do Turismo]. Participei da elaboração desse plano de trabalho para a Sociedade Amigos da Cinemateca (SAC). Vencemos o edital e cá estamos nesses cinco anos, recuperando cada uma das áreas. A gente voltou com a missão de reconstruir a Cinemateca para devolvê-la na sua plenitude para a sociedade, como espaço de fruição cultural, de preservação de memória, em um lugar de lazer para a população.

OBRAS DIGITALIZADAS

Para garantir a reprodutibilidade das obras, o Laboratório de Imagem e Som foi constituído em 1976, quando a Cinemateca começou a adquirir equipamentos, com uma visão estratégica de futuro, para ter autonomia técnica nos processos de duplicação, copiagem e restauração do seu acervo. O laboratório mantém o fluxo fotoquímico. No começo dos anos 2000, também teve início um programa ativo de digitalização de obras para aumentar os acessos. O Banco de Conteúdo Culturais é o repositório onde colocamos os resultados desses nossos processos de digitalização.

ACERVO REUNIDO

O Centro de Documentação e Pesquisa da Cinemateca conta com mais de um milhão de documentos públicos e privados de interesse público. A biblioteca é o maior centro de referência para pesquisa sobre o audiovisual no país, reunido desde o final dos anos

Gabriela em um dos corredores da Cinemateca Brasileira. Por ano, 74 mil pessoas vão ao espaço para assistirem a sessões especiais e festivais.

1940. Temos o arquivo do [escritor e crítico de cinema] Paulo Emilio Sales Gomes (1916-1977), que foi doado pela [escritora e ex-esposa] Lygia Fagundes Telles (1918-2022) nos anos 1970, e contempla toda a produção intelectual dele, sua biblioteca pessoal e as correspondências que evidenciam sua rede de sociabilidade. Temos, ainda, o arquivo do [cineasta] Glauber Rocha (1939-1981), com os roteiros originais de *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964) e *O dragão da maldade contra o Santo Guerreiro* (1969), [dos estúdios] Vera Cruz e Atlântida, os dois grandes primeiros modelos de cinema industrial no país. É um conjunto de registros materiais que orbitam a produção de uma obra audiovisual.

CORAÇÃO AUDIOVISUAL

A preservação de filmes é o coração da instituição. São mais de 250 mil rolos em película. O mais antigo remonta a 1909, um registro documental da inauguração da Igreja de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A obra ficcional mais antiga também é do Sul, *Óculos do vovô*, que são fragmentos de 1913. Temos toda a coleção em acetato de celulose, que é o suporte seguinte ao nitrato, poliéster, 8, super 8, 96, 16 e 35 milímetros. Então, todos os formatos originais de película. Uma grande coleção de materiais em vídeo e natos digitais ou provenientes de processos de digitalização. A característica da obra audiovisual é a reprodutibilidade técnica. A sua preservação e a sua sobrevivência passam por esse conceito.

PASSADO E FUTURO

A área de difusão de filmes da Cinemateca propõe um recorte 100% brasileiro ou que tenha intersecções de uma filmografia nacional com uma estrangeira. Há obras e atividades que só uma Cinemateca pode oferecer, que são recortes históricos qualificados em diálogo com o tempo do agora. Alcançamos um público de estudantes de cinema até os cinéfilos mais velhos. Temos uma média de 74 mil pessoas para sessões de cinema [por ano]. Somando às atividades de lazer e pesquisa, atingimos cerca de 200 mil pessoas no período. Algo que defendo no dia a dia é que a preservação começa agora, também por meio da difusão contínua de obras audiovisuais. Se você esquecer essa geração que está aqui e não oferecer a ela aquilo que só a Cinemateca tem, não há formação de uma futura geração. A futura geração começa a ser construída agora. ◆

A diretora técnica da Cinemateca Brasileira, Gabriela Sousa de Queiroz, esteve presente na reunião do Conselho Editorial da *Revista E*, no dia 23 de junho. A mediação do bate-papo foi de Fabricio Ribeiro, pesquisador de acervo no Sesc Memórias.

UMA PANTUFA AOS TUBARÕES

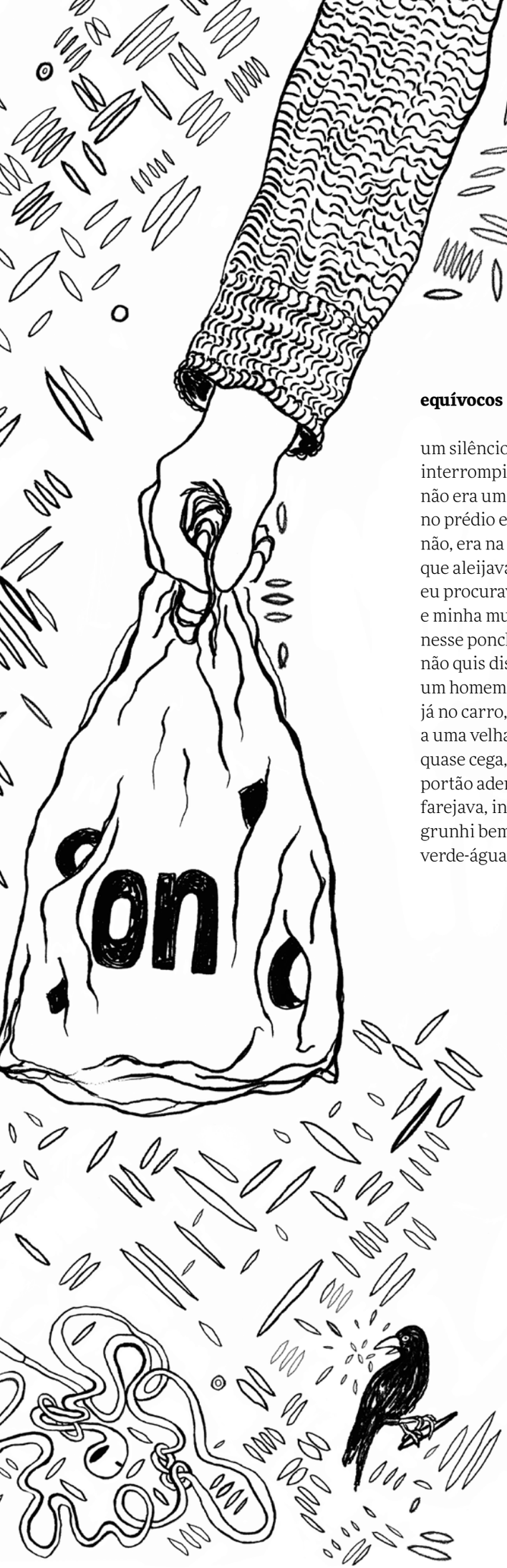
POR ANGÉLICA FREITAS
ILUSTRAÇÕES LULI PENNA

minha cama, para tracy emin

esta vida não aceita devoluções
o que explica tantas mães fumando na chuva
os lençóis não me enganam
e podem ser lama, onda, nuvem
podem ser teresas
eu aqui enfurnada numa fronha
é domingo eu me engasgo de emoção
crio monstros debaixo do estrado
jogo uma pantufa aos tubarões
vou pulando num pé só até o banheiro
com promessas de voltar ao cobertor
não sou mais adolescente mas quem
vai ouvir de novo hand in glove
abrir o youtube é uma pá de cal na manhã
lil nas x rebolando pink panther
a gata pula no meu colo e pede atenção
eu dou atenção, dou toda a minha atenção
agora se esta cama de compensado e isopor
estes lençóis de taciturnos microplásticos
me instarem a sair, a pegar um ônibus
subir a heitor, descer a consolação
comprar um lápis, comer um bolo sesc
quem precisa dar mais motivo às árvores
que esgarçam os fios de alta tensão
os fones de ouvido me emprestam ana frango
vamos até o fim desse tobogã
a gata salvou a pantufa, talvez também o planeta
atirando o dicionário aos tubarões
e o telefone diurno ecoa trim trim
e as backing vocals fazem doo doo doo doo doo

wittgenstein em etapas

como poderemos saber o que é wittgenstein
num ônibus lotado que sai do terminal lapa
e cruza o alto de pinheiros com trabalhadores
que mal podem filosofar empapuçados
de podcasts sobre empreendedorismo:
delegar não é crime e alguns
corpos têm mais músculo
outros mais dinheiro. você não é bobo nem nada.
se os limites do meu mundo são os
limites da minha linguagem
gemidos e queixumes nunca vão sair do bairro
onde ninguém me entende nem
de fato nem bermudas
mas aceitam que a terra é redonda
por questão de circunferência.
a homofobia grassa nas plataformas de embarque
mas não o ódio de classe, pois
a educação financeira
eleva todos além do gay e da
mulher de cabelos curtos
que a princípio não abre as pernas.
ludwig teve um dia duro mas retorna à guaicurus
onde segue num saco do sonda pra cohab taipas
isto é minha linguagem, um
pescotapa em quem dormia
de boca aberta até o ponto final do ônibus:
não há razão para acreditar em revolta popular
nem na sobrelotação das bibliotecas de bairro.



equívocos

um silêncio matinal que durou pouco
interrompido pelos gritos de um corvo
não era um corvo, era uma serra elétrica
no prédio em construção aqui ao lado
não, era na casa dos javaporcos
que aleijavam carteiros e matavam gatos.
eu procurava as mangas de um suéter verde-água
e minha mulher me disse: você fica lindo
nesse poncho peruano cor de estábulo
não quis discutir, mas ela claro se ofendeu
um homem feio deve aceitar elogios.
já no carro, garagem aberta, dei passagem
a uma velha que passeava um pequinês
quase cega, muito lenta, arrastada
portão adentro pelo cão ao meu veículo
farejava, inofensiva — não sei por que
grunhi bem alto, corvo, serra, javaporco
verde-água, e a intrusa morreu de equívocos.

Angélica Freitas (Pelotas, 1973) é poeta. Publicou, entre outros, *Um útero é do tamanho de um punho* (Cosac Naify, 2012; Companhia das Letras, 2017), título apontado no livro *Explosão Feminista* (org. Heloísa Teixeira, Companhia das Letras, 2018) como referência para a nova geração de poetas brasileiras. A obra recebeu o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte em 2013. Seu trabalho mais recente é *Mostra Monstra* (Círculo de Poemas/ Fósforo, 2025), uma plaquete de desenhos e poemas.

Luli Penna (São Paulo, 1965) é ilustradora e cartunista. É formada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), onde também realizou o mestrado em Literatura Brasileira. Desenha desde a infância e adolescência, e já publicou ilustrações e cartuns em diversos jornais e revistas, como na *Folha de S. Paulo*, e criou suas próprias histórias em quadrinhos. Autora da novela gráfica *Sem Dó* (Todavia, 2017).

mente PULSANTE

Cantor e compositor Tom Zé fala dos medos e das alegrias que o acompanham desde menino e das invenções que fizeram dele um dos artistas mais originais da música brasileira

POR LÍGIA SCALISE
FOTOS NILTON FUKUDA

Tom Zé está prestes a completar 90 anos. Entre uma lembrança e outra, ele atravessa décadas, muda de assunto, retorna ao ponto inicial e encontra conexões improváveis. Como sempre fez em sua obra, transforma o aparente caos em invenção. Nomes, datas, livros, ruas, canções e personagens de Irará [sua cidade natal, localizada na Bahia] surgem com a nitidez de quem acaba de viver tudo aquilo.

Ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa (1945–2022) e tantos outros artistas que reinventaram a cultura brasileira nos anos 1960, Tom Zé fez da experimentação sua marca registrada. Inventou instrumentos, transformou ruídos em música e enxergou possibilidades onde ninguém mais via. Certa vez, ao observar uma enceradeira quebrada, decidiu transformá-la em um instrumento musical. A máquina ganhou cordas, adaptações e virou arte.

Em 1968, venceu o Festival da Record com a canção "São, São Paulo, Meu Amor", um retrato bem-humorado da metrópole que o acolheu. Depois vieram dezenas de discos, espetáculos e invenções sonoras que desafiaram as classificações. Muitas vezes, pareceu estar adiante do próprio tempo. Algumas de suas ideias foram recebidas com estranhamento, apenas para serem celebradas anos depois.

Não por acaso, sua obra atravessou fronteiras e encontrou admiradores em diferentes partes do mundo. Entre eles, David Byrne [músico estadunidense, líder da banda Talking Heads], que ajudou a apresentar seu trabalho a uma nova geração internacional depois de se impressionar com o álbum *Estudando o samba*, lançado em 1976.

Neste *Depoimento*, realizado em sua casa em São Paulo, em maio, Tom Zé fala dos medos que o acompanham desde a infância, da curiosidade que ainda o move e da alegria de subir ao palco. Satisfeito com a trajetória construída, diz que já realizou seus sonhos e pode morrer com o coração descansado. Faz apenas uma ressalva: quer continuar trabalhando o máximo que puder.

medo

Eu sempre fui muito medroso. Quando era criança, em Irará, tinha asma e fazia xixi na cama. Todo mundo bulia comigo por causa disso. Naquele tempo, o medo era

Curiosidade e vitalidade mantêm a energia de Tom Zé, um artista que tem a ousadia como marca registrada.

uma das formas de educar. A gente crescia cercado por ele. Lembro até hoje o dia em que a Segunda Guerra Mundial acabou. O diretor da escola entrou na sala e anunciou: "desde as 0 horas no Meridiano de Greenwich, não há mais combate nas frentes de batalha". Veja só: eu estava lá em Irará, tão longe daquele mundo, e, mesmo assim, tinha medo da guerra. Quando ouvi aquela notícia, descansei o coração. Mas o medo nunca foi embora. Quando eu era rapaz, tinha uma namorada chamada Dalma. Fazia músicas para ela. Um dia, resolvi cantar uma dessas canções na frente dela e não consegui abrir a boca. Travei completamente de medo e vergonha. Voltei para casa arrasado, pensando: "Nunca mais vou fazer música". Mas aconteceu o contrário. Comecei a compor sobre o que acontecia ao meu redor: as pessoas, os fatos da cidade, as maluquices da vida cotidiana. Foi assim que encontrei um caminho. Mesmo hoje, o medo continua por perto. Outro dia a Neusa [sua esposa e empresária] precisou passar o dia fora e eu pedi para a empregada ficar comigo. É que, mesmo com quase 90 anos, não gosto de ficar sozinho.

música

Se eu tenho que escolher um momento em que a música entrou de vez na minha vida, esse momento tem nome: Renato Marques. Toda cidade pequena tem alguém que parece enxergar o mundo de outro jeito. Em Irará, essa pessoa era Renato. Eu prestava atenção em tudo o que ele dizia. Um dia, ele pegou o violão e cantou uma música simples. Enquanto tocava, fazia um movimento diferente nos acordes. Eu não sabia explicar aquilo, mas alguma coisa aconteceu comigo. Anos depois, quando comecei a fazer análise, aprendi o nome do que vivi naquele instante: insight. Assim foi o meu encontro com a música. Renato virou uma espécie de professor sem nunca ter sido um. Não estudou em escola de música, mas tinha uma inteligência rara. Era uma dessas pessoas que viram a cabeça da gente. Até hoje, quando penso na origem de tudo, volto àquele momento. E volto para o Renato.

existência

Minha mãe me trancava no quarto para estudar, mas eu descobri, por acaso, alguns livros que estavam ali. Um deles era *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909). Quando comecei a ler aquele livro, aconteceu algo extraordinário: eu descobri que existia. O livro falava de um tipo de gente que eu conhecia, de uma paisagem que eu reconhecia, de pessoas parecidas com aquelas que frequentavam a loja do meu pai e que eu atendia desde menino. Até então, eu não sabia que aquele mundo podia existir dentro de um livro. Quando terminei Euclides da Cunha, vieram os livros de Guimarães Rosa (1908-1967). E aconteceu a mesma coisa. Percebi que aquela língua que eu ouvia nas feiras, nas estradas e na roça também era literatura. Eu era um aluno péssimo. Mas me tornei um leitor maníaco.

ousadia

Quando jovem, não parecia que as coisas iam dar certo para mim. Fui um aluno complicado, repeti de ano, dei preocupação aos meus

pais e cheguei a ser chamado de delinquente. Passei anos sem saber exatamente o que seria da minha vida. Mas eu tinha uma mania: quando encontrava algo que me interessava, mergulhava nele. Foi assim com os livros, com a música e com a escola de música da Bahia, em Salvador. Eu estudava muito, principalmente as matérias teóricas. Quando veio o vestibular da escola, fiz a prova do meu jeito. E até hoje acho graça porque passei em primeiro lugar. Eu, que durante tanto tempo tinha sido considerado um péssimo aluno. Mais tarde, vieram a ditadura, São Paulo, os festivais e os períodos em que ninguém entendia muito bem o que eu fazia. Mas eu continuava fazendo. Sempre acreditei que a capacidade que a gente tem precisa ser usada de alguma maneira. Foi a ousadia que me levou adiante.

trabalho

Perto dos 90 anos, as pessoas me perguntam qual foi minha maior conquista e eu respondo sem pensar muito: o trabalho. Ter trabalho é felicidade. Eu vivi momentos muito bons, mas também muito difíceis. Não foi mole não. Houve épocas em que meu nome estava em toda parte. Houve épocas em que parecia que ninguém se lembrava de mim. Mas eu continuei trabalhando e trabalho muito até hoje. Às vezes, me perguntam se já realizei meus sonhos. Sem dúvida, posso morrer com o coração descansado. Mas enquanto estou aqui, quero continuar na labuta.

Neusa

Estamos juntos há 57 anos. É ela que sabe o nome que me escapa, corrige uma data, completa uma informação, recupera uma memória perdida no caminho. Depois de tanto tempo, há momentos em que parece uma extensão natural do meu próprio pensamento. Neusa é o meu crivo. É quem me diz se algo presta ou não, se vale a pena ou não, se está à altura do que eu mereço. Eu só ouço e obedeço. Ela é mais do que minha companheira. Eu trabalho por causa dela, ganho por causa dela e vivo por causa dela. Eu mesmo sou levado a me respeitar, porque ela exige isso de mim.

viver

Acordo e faço meia hora de ginástica brava todos os dias. A doutora Isabela Messias Pires, a quem faço questão de mencionar, tem grande cuidado comigo. Mas essa história de exercícios começou muito antes. Quando eu era menino em Irará, apareceu por lá uma pessoa que morava no Rio de Janeiro e servia no exército. Ele ensinou alguns exercícios físicos a um amigo meu, Agnaldo, que não os seguiu. Já eu, comecei naquele dia e nunca mais parei. Quando vim para São Paulo, fui atrás de tudo o que era oriental. Do-in, tai chi, dieta macrobiótica, essas coisas todas. Até hoje continuo me cuidando. Já já, devo passar praticamente um mês em cima do palco. Ou me preparo fisicamente muito bem para aguentar, ou começo a fraquejar. A gente sente a idade no corpo, a cabeça com tanto tempo de terapia está boa. Não tenho medo de morrer, a gente nem sabe o que acontece depois que morre, mas o segredo é viver bem.

palco

Recentemente, em Goiânia, depois de um dia inteiro de viagem e de horas de passagem de som, pensei que talvez não tivesse energia suficiente para o show. Mas acontece uma coisa louca quando a música começa: a energia volta para o meu corpo! Nesse show, foi exatamente assim. Saí do palco exausto, mas profundamente feliz. Costumo dizer que, quando subo para cantar, tenho ao mesmo tempo 80 e 10 anos. O homem de 80 leva a experiência e o menino de 10 leva a curiosidade e o frio na barriga!

legado

Recentemente apareceu um livro escrito por um filósofo que tentava responder a uma pergunta curiosa: por que não existe uma filosofia brasileira? Em algum momento, ele se perguntava se o meu trabalho poderia ajudar a pensar essa questão. Quando vi aquilo, fiquei orgulhoso. Também gosto quando vejo coisas como o Abacaxi de Irará, um bloco de carnaval em São Paulo inspirado em uma música minha. Antigamente, eu dizia que era de Irará e as pessoas perguntavam se era Irajá, no Rio de Janeiro. Hoje não perguntam mais. Isso me dá uma alegria danada. As pessoas ainda vão ter muito o que falar de mim depois que eu morrer. E eu espero que digam uma coisa: "Tom Zé é um cara que se fez respeitado porque trabalha, porque é trabalhador e porque tem ideias. A cabeça desse cara tem ideias". Daí, tudo valeu a pena. ◆

Assista a trechos desse *Depoimento* com o cantor e compositor Tom Zé, realizado em maio de 2026, em São Paulo.

Arte pelo caminho

Intervenções artísticas, como grafite e pintura mural, transformam a cidade de São Paulo em um espaço de celebração de personalidades brasileiras

POR MARINA PEREIRA
FOTOS NILTON FUKUDA

Conhecida pela "dura poesia concreta" de suas esquinas, a cidade de São Paulo pode parecer um tanto fria e hostil para quem a atravessa. No entanto, as intervenções artísticas em edificações e monumentos podem proporcionar um momento de pausa e contemplação na paisagem dinâmica urbana. São galerias abertas que transformam trajetos cotidianos em experiências estéticas, explorando diferentes técnicas, como pintura, estêncil, grafite e fotografia.

Resultado de um processo que envolve mais do que a visão artística, essas pinturas de grande porte dependem de planejamento, acordos entre diferentes instâncias e de autorizações específicas. Geralmente, o primeiro passo costuma ser a autorização do proprietário ou do condomínio do edifício. Dependendo das características da intervenção, da localização do imóvel e da necessidade de instalação de andaimes, plataformas suspensas ou interdição parcial da via pública, podem ser exigidas autorizações dos órgãos municipais competentes e o cumprimento de normas de segurança do trabalho. Em edifícios tombados ou situados em áreas de preservação do patrimônio histórico, por exemplo, podem ser necessárias aprovações dos órgãos responsáveis pela proteção do patrimônio cultural.

A viabilização financeira também varia. Muitos murais são patrocinados por empresas, institutos culturais e projetos de incentivo à cultura, enquanto outros surgem por iniciativa dos próprios moradores, de coletivos artísticos ou de organizações sociais interessadas em revitalizar a região. Lembrar que a cidade não é feita apenas de edifícios, avenidas e CEPs, mas também de memória, histórias e afeto, talvez seja uma das contribuições da arte urbana. Neste *Almanaque*, conheça pinturas da cidade de São Paulo que homenageiam personalidades da cultura e da história.

O mural *Sol do Meio Dia* homenageia o escritor e liderança indígena Ailton Krenak. Criado pela artista Daiara Tukano, está na lateral do Edifício Guanabara, no Centro.

À esquerda: o mural em homenagem ao escritor e ativista Abdias do Nascimento (1914-2011) foi criado em 2025 por Pixote Mushi e pelo coletivo Morro Arte Mural (MAMU). A obra está no CEU Aricanduva, na zona Leste.

Abaixo: criado em 2023 por Paulo Terra, Pedro Terra e Eraldo Moura, o mural de Rita Lee (1947-2023) fica na Vila Mariana, bairro onde a cantora nasceu e cresceu.

À esquerda: pintado por Eduardo Kobra em 2018, o mural do sambista Adoniran Barbosa (1910–1982) está na lateral do edifício do Instituto Guima Conseco, no Cambuci.

Abaixo: também de Eduardo Kobra, o mural homenageia o arquiteto Oscar Niemeyer (1907–2012) no Edifício Ragi Buainain, na Avenida Paulista.

Acima: criado por Speto em 2020, o mural de João Gilberto (1931–2019), na Santa Ifigênia, ilustrou a capa do álbum *Relicário: João Gilberto (ao vivo no Sesc 1998)*, lançado pelo Selo Sesc.

Acima: criado por Aline Bispo em 2021, o mural em homenagem à filósofa Lélia Gonzalez (1935-1994) integra a série de painéis do Elevado João Goulart, na Galeria Parque Minhocão.

À esquerda: em grafite, o mural de Elza Soares (1930-2022), na Rua da Consolação, foi criado por Felipe Cama em 2023 a partir de uma foto de Frâncio de Holanda.

Antes da primeira colherada

— Oi, João... Tá me ouvindo?

Você ainda não me conhece, apesar de morar dentro de mim. Prazer, sou sua mãe.

Enquanto escrevo este texto, você cresce lindamente aí, no quentinho, recebendo tudo de que precisa por esse cordão. Que responsabilidade a minha.

Seu irmão Pedro, que está aqui do lado de fora, acabou de pedir uma banana. Engraçado... Ontem ele dizia que não gostava mais de banana. O brócolis também já foi herói, já foi vilão e, provavelmente, ainda vai mudar de papel muitas vezes. Acredita que, até outro dia, ele engatinhava arrastando uma metade de laranja em cada mão e ia "encerando a casa" com o suco que escorria pelos dedos? Baguncinha regada à conexão com a comida.

Você cresce ligado a um cordão. Ele cresce aprendendo, todos os dias, a usar uma colher. Afinal, ainda nem completou dois anos. Tem muita estrada pela frente.

Tem uma coisa que você ainda não sabe: sua mãe é nutricionista. Passo boa parte do meu dia falando sobre alimentação, incentivando hábitos saudáveis e pensando em como garantir que outras pessoas tenham acesso à comida de verdade. Achei que, por causa disso, dentro de casa tudo seria mais simples. Não foi. Logo descobri que alimentar uma criança é muito mais do que oferecer nutrientes. É construir vínculo.

Amamentando seu irmão, chorei em muitos momentos. Houve peito machucado, culpa, insegurança e medo. Mas o papai estava ali. Sim, você tem um pai maravilhoso. Enquanto eu alimentava o Pedro, ele alimentava a mim. Às vezes, com um prato de comida. Outras, com coragem. E isso alimenta duas vezes.

Hoje reconheço que essa foi a minha história. Eu tive quem me alimentasse enquanto alimentava seu irmão. Nem todas as mães têm essa sorte. Algumas criam seus filhos sozinhas. Outras precisam voltar ao trabalho quando o bebê ainda caberia inteiro no colo.

— Mas, mãe... Será que eu também vou gostar de banana?

Filho, daqui a alguns meses vai chegar a sua vez de mamar. Durante um tempo, o leite será tudo de que você precisa. Depois, quando estiver pronto, vai descobrir um mundo inteiro de sabores, texturas, aromas e cores. Vai amassar comida com as mãos, jogar pedaços no chão, fazer caretas e, aos poucos, encontrar seus alimentos preferidos.

Foi assim que entendi que a introdução alimentar começa muito antes da primeira colherada. Ela começa quando existe tempo para cuidar. Quando uma mãe encontra apoio para amamentar. Quando um bebê é recebido por braços, olhares e afeto. Quando há uma rede sustentando quem sustenta uma vida.

Mal posso esperar para acompanhar suas descobertas. Vou tentar me preocupar menos com a quantidade que você come e mais com a relação que vai construir com a comida. Comer também é uma descoberta.

João, acho que já contei demais sobre o que vem pela frente. No fundo, tudo isso era para dizer apenas uma coisa: nós vamos errar. Vamos aprender. Vamos recomeçar quantas vezes for preciso. E faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para que você e o Pedro cresçam nutridos — de alimento e de afeto.

Foi com vocês dois que entendi que ninguém cresce — nem se nutre — sozinho. ◆

Lilian Rocha é formada em Nutrição pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Atua como coordenadora no Sesc Mesa Brasil no Sesc Campinas.

Lucas Blat

Fique por dentro do que é destaque na programação deste mês!

RETIRE **GRATUITAMENTE** SEU GUIA NAS UNIDADES DA CAPITAL E ABC PAULISTA

Confira a programação completa:
sescsp.org.br

Sesc

CONHEÇA O
SESC CAMPO LIMPO

sescsp.org.br

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C000000

Zé Carlos Barretta (foto); Lucas Blat (colagem)